

26/09/80

Um início nobre, parceria com Vinicius



João Bosco

NESTE domingo termina a temporada de João Bosco no Cine-Show Madureira.

Depois, seguirá para curtas apresentações em Belo Horizonte, São Paulo e cidades do Norte e Nordeste para lançar o sexto LP de uma carreira fonográfica que começou em 1972. Naquele ano, lançou *Agnus Sei*, já de parceria com Aldir Blanc, por uma série de discos de bolso.

Duas músicas destacam-se no disco. Uma é *Anjo Torto*, de parceria com o poeta mineiro Guerra Baião, com quem Bosco procurou lembrar os anos de estudo em Ouro Preto,

onde formou-se como engenheiro e não chegou a exercer. A outra composição de destaque é *Bandalhismo*, esta de parceria com Aldir Blanc.

Aos 33 anos, João Bosco, mineiro de Ponte Nova e irmão de Tunai, compositor iniciante, mas já elogiado por muitos, é parceiro de Aldir há 11 anos. Só que, surpresa das surpresas, iniciou-se na música ao lado de Vinicius de Moraes.

"Mostrei algumas de minhas músicas a ele, quando ainda estudava em Ouro Preto, e Vinicius colocou letra em várias de nossas músicas que permanecem inéditas até hoje." Depois,

é que conheceu Aldir e o entendimento entre ambos foi tão fraternal, que chegaram, muitas vezes, a compor por correspondência.

"Houve uma época em que anunciamos o fim da exclusividade da nossa parceria e muitos entenderam que a dupla havia acabado. Mas não era nada disso. Apenas começamos a compor com outros parceiros e continuamos nosso trabalho. Só neste LP, há oito músicas minhas com ele", diz.

Um grande impulso que João Bosco reconhece na sua carreira, ou melhor, na carreira da dupla, foi dado por Elis Regina que, mal

eles surgiram, gravou várias músicas da dupla. Foi um impulso, porque o primeiro LP dos dois, em 1973, mereceu pouca divulgação. "mas não nos preocupamos muito com isso, porque sempre acreditamos que não estamos comprometidos em vender discos, mas em trabalhar na música", diz.

No dia 12 de novembro, o compositor participará com a cantora Marlene do Projeto Pixinguinha, no Norte e Nordeste. Sobre ela, costumava ouvir falar muito pelo rádio, quando ainda menino, lá em Ponte Nova e, hoje, apresenta-se a seu lado, como um admirador, sobretudo.

ESTADO DE SÃO PAULO

27/09/80

Michel Sardou, o cantor francês do "Molière 79"

"Os artistas franceses preferem a segurança de um contrato com as gravadoras ao risco de um trabalho independente, pois o começo é muito difícil e perigoso — todas as portas estão fechadas." A opinião é de Michel Sardou, cantor francês convidado pela Air France para estrelar a festa de entrega do Prêmio Molière de Teatro e Cinema de 1979, segunda-feira próxima, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e terça-feira em São Paulo.

Atualmente o maior sucesso de vendagem de discos na França, Michel Sardou, cantor e letrista, divide juntamente com seus companheiros Jacques Revaux e Pierre Billon o Recorde de trinta compactos e dez LPs representados por 47 milhões de cópias vendidas, desde 1969, início da carreira dos três. Sua gravadora, "Trema", fundada em 1969, foi impulsionada pela venda do disco independente — um compacto simples — que, apesar de recusado por todas as concorrentes, vendeu um milhão de cópias. Hoje a "Trema" abriga vários artistas, "muitos jovens também"; e o êxito de Michel Sardou pode ser representado igualmente pela existência de um escritório especialmente aberto para atender as cartas das fãs, que chegam desde países de língua francesa e até da Alemanha".

O diretor geral da Air France no Brasil, Joseph Halphin, apressou-se em justificar a escolha de Michel Sardou para a festa: "Não há intenções políticas envolvidas. Quis apenas agradar o público brasileiro". Certamente referia-se ao período da carreira de Michel em que fora rotulado como "cantor da maioria silenciosa". Ao que Michel rebate: "Canto rock, músicas de amor e sátiras. A crítica sempre quer justificar um sucesso. Mas não tenho um público específico, definido. Canto para todos".

Quando é mencionada sua semelhança física com Roberto Carlos, Michel brinca, demonstrando já haver incorporado a coincidência, referindo-se ao cantor brasileiro como seu "irmão" e lembra que trabalharam juntos em um programa semanal da televisão francesa. Em relação ao que conhece — e também ao que não conhece do Brasil, Michel prossegue lembrando ainda de Elis Regina, Jorge Ben e Vinícius de Moraes, o Carnaval, as festas de Iemanjá e o futebol. Apesar da pretensão em seguir a carreira de ator, nada sabe dos trabalhos premiados pelo Molière. Não assistiu a nenhum show de música brasileira, mas leva consigo "uma pilha" de discos de MPB.



Foto Fernando Bueno

Sardou participará também da festa do Molière em São Paulo

V. de Moraes

507

John Herbert...

Aparecendo bem em "Plumas e Paetês", também tem novidades no campo cinematográfico. Além de um filme em cartaz, "Ariela", onde funcionou como diretor, Johnny estará nas telas brasileiras como um dos atores principais de "Bacanal", a ser lançado em novembro próximo, sob direção de Antonio Melianda. Ao seu lado estarão Aidine Miller e Patricia Scalvi.

A tevê mostra...

Amanhã, mais uma prova de Fórmula 1 desta temporada, que tem o brasileiro Nelson Piquet bem próximo do título. É o Grande Prêmio da Canadá, com transmissão pelo 13, a partir das 15 horas.

A Record...

Apresenta, neste sábado, mais um "Olho no Lance", sob o comando de Milton Peruzi. Participação de figuras conhecidas da crônica esportiva de São Paulo. No ar, a partir das 11 horas da manhã.

Luciana de Moraes...

Filha do poeta, compositor e cantor Vinícius de Moraes, é uma das atrações do "Fantástico" deste domingo. Luciana estará lançando seu primeiro disco, onde aparece como cantora e compositora. Fafá de Belém, interpretando "Bicho Homem", de Milton Nascimento e Fernando Brant, e Beth Carvalho apresentando uma das músicas de seu novo disco, são algumas das outras atrações musicais do programa.

"Concertos para..."

A "Juventude", que estará focalizando, amanhã a vida e a obra de autores brasileiros, vai apresentar em breve, um programa especial sobre o "jazz". A série "Concertos" tem a direção de Sérgio Saporito.

Juca Chaves...

O "Pinóchio Maldito", Baby Consuelo e Pepeu Gomes são alguns dos convidados de Hebe Camargo, neste domingo. A apresentadora, por sinal, diz que vai acompanhar direitinho o programa e verificar se não vão ocorrer os mesmos cortes, que a deixaram tão irritada na semana passada.

SESC comemora aniversário do "Projeto Onze e Meia"

O Sesc vai comemorar amanhã, a partir das 11h30, o primeiro aniversário do "Projeto Onze e Meia" do Teatro Pixinguinha, com uma grande festa de rua. A Dr. Vila Nova será fechada para a apresentação de um "show" ao vivo, num palanque em frente ao prédio do Sesc.

Entre os artistas que irão se apresentar estão Diana Pequeno, Jards Macalé, Guilherme Arantes, Osvaldinho do Acordeon, Dércio Marques, Doroty, Vicente Barreto, Irene Portela, Tom Zé, Sá e Guarabira, Carlinhos Vergueiro, Rosa Maria, Celso Machado e o encerramento do "show gratuito" estará a cargo do Trio Elétrico Pipoca Moderna.

O "Projeto Onze e Meia" surgiu como uma alternativa de lazer aos domingos para o público paulistano, com a apresentação de música brasileira a preços populares, beneficiando tanto comerciantes como o público em geral.

Mais que isso, porém, o "Onze e Meia" acabou abrindo mais um espaço importante para a música popular brasileira, pois em um ano de atividades, com "shows" aos domingos às 11h30, o projeto já levou ao Teatro Pixinguinha cerca de 35 mil pessoas.

Promovendo "shows" com artistas de tendências e estilos diversificados — indo desde a música sertaneja, passando pela moderna música popular, "rock" e música de vanguarda —, o projeto teve a preocupação de apresentar não somente artistas renomados da música mas também de ser um canal para o lançamento de novos valores. Além disso, trouxe um dado novo ao possibilitar o acesso aos seus "shows" nos domingos de manhã de crianças, incentivando nelas o gosto por nossa música popular.

Para o próximo ano de atividades, o "Projeto Onze e Meia" pretende dar continuidade a todo esse trabalho iniciado no final de 1979, como também está sendo estudada uma programação especial para a apresentação, no Teatro Pixinguinha, de artistas "independentes" da música popular brasileira, ou seja, os que fizeram gravação por conta própria. Para isso o Sesc já está convocando todos os artistas interessados a procurarem Sérgio Saia, chefe do Teatro Pixinguinha, ou Roberto Rampone, diretor da entidade.

Grupo Inkamaru na Estação São Bento

Amanhã, o grupo boliviano Inkamaru voltará a apresentar-se na Estação São Bento do Metrô, a partir das 15 horas, com músicas folclóricas de sua terra e latino-americanas.

Composto por Lúcio Herrera (quena e canto), José Mena (guitarra e canto), Edgard Marconi (charango e canto), Edgard Rojas (instrumentos de sopro), e Jorge Gil (instrumentos de sopro), o grupo executará músicas de autores renomados como "Recuerdo Amanda", "El Condor Pasa", acompanhados de instrumentos típicos: quena, sampoña, charango e unha de cabrito.

Durante a apresentação, que faz parte de pro-

gramação cultural que o metro oferece aos domingos à população. Inkamaru mostrará danças e trajes típicos.

"Gonzaguinha no Parque"

O cantor e compositor Luiz Gonzaga Jr., Gonzaguinha, estará amanhã no Parque Ibirapuera, a partir das 15 horas, apresentando o show "Gonzaguinha da Vida de Volta ao Começo".

Neste espetáculo, Gonzaguinha (vocal) será acompanhado pelo quinteto formado por Jotinha (teclados), Ary (guitarra e violão), Frederiko (guitarra), Maranhão (contrabaixo) e Paschoal (bateria) e interpretará composições de seu mais recente elepê "De Volta ao Começo", além de sucessos mais antigos.

"De Ernesto Nazareth a Chico Buarque"

"A Evolução da Música Popular Brasileira: De Ernesto Nazareth a Chico Buarque" será o espetáculo apresentado no "campus" da Cidade Universitária amanhã, às 16 horas, reunindo expressivas figuras da nossa música popular.

O espetáculo, com entrada franca, será realizado no Anfiteatro de Convenções e Congressos, Setor Azul da Cidade Universitária, reunindo Lúcio Alves, Adauto Santos, Bando de Macambira, Celso Machado, Solange Maria, Celso Miguel, Deborah Piccarelli e conjunto, Grupo Cais e Corda, Sinfônica Morgadinho e de Yum a Cinco.

Constam do programa dessa apresentação musicas de Ernesto Nazareth, Pixinguinha, Donga, Noel Rosa, Ismael Silva, Orestes Barbosa, Ari Barroso, Dorival Caymmi, Luiz Gonzaga, Antonio Maria, Dolores Duran, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Zé Ketil, Luiz Carlos Paraná, Marcos e Paulo Sergio Valle, Edu Lobo, Geraldo Vandré, Chico Buarque e muitos outros compositores brasileiros.

Música antiga na Casa das Retortas

Com o objetivo de difundir a música antiga européia e das Américas, o conjunto Confraria estará se apresentando amanhã, às 16 horas, na Casa das Retortas (rua das Figueiras, 77 — Parque D. Pedro).

Criado em 75 por Thais Veiga Borges e Anna Maria Kieffer, o conjunto Confraria tem se dedicado à pesquisa junto a musicólogos, visando a reconstituição da música da América colonial e Península Ibérica. Além das pesquisas, o grupo realiza concertos e espetáculos em teatros, escolas, igrejas, clubes e auditórios universitários.

Para esta apresentação na Casa das Retortas, o programa foi elaborado visando a produção dos trovadores galaico-portugueses e a música e a poesia de Portugal no tempo das Grandes Navegações.

Jornal da TV

ELI HALFOUN



Baby Garroux

Novo Pé de Laranja

Confirmada para o próximo dia 29 a estréia de *Meu Pé de Laranja Lima*, que substituirá *A Deusa Vencida*, às 18 horas, na Bandeirantes. A novela, que foi apresentada na Tupi há quase 10 anos, conserva o mesmo texto, que Ivani Ribeiro adaptou do livro de José Mauro de Vasconcellos, mas ganhou uma nova montagem e, é claro, um novo elenco. Exemplo: Baby Garroux faz agora o papel que era de Eva Wilma e Fausto Rocha faz o que foi criado por Carlos Zara na primeira versão do romance na TV.

★ ★ ★

Confirmado: O Bem Amado muda mesmo de horário e talvez já a partir da próxima terça-feira passe a ocupar o tempo destinado, às terças-feiras, ao Globo Repórter. A decisão foi tomada na semana passada, mas não é definitiva: com a volta, ano que vem, do Globo Repórter totalmente reformulado. O Bem Amado deverá voltar ao seu horário original, ou seja, às 23 horas das terças-feiras.

Os bons amigos

Só Vinicius de Moraes conseguiria isso: é quase certa a participação de Chico Buarque, que tem recusado todos os convites da Globo, no Especial "A Arca de Noé - Vinicius para Crianças", que a Globo apresentará no dia 10 de outubro. Esse Especial está diretamente ligado ao LP "A Arca de Noé" que a Ariola lança no mesmo dia. "A Arca de Noé" foi o último trabalho de Vinicius, exatamente o que ele estava fazendo na noite em que se foi. Além das participações de muitos nomes famosos (Fábio Jr., Moraes Moreira, As Frenéticas e Toquinho, entre muitos outros) o disco tem na sua capa uma atração especial. Elifas Andreato, autor da capa, decidiu deixar a capa em branco (só com a assinatura de Vini-



Vinicius de Moraes

cius. O disco será acompanhado de um envelope com desenhos de Antônio Bandeira e as crianças ficarão encarregadas de cada uma fazer, com base nos desenhos, a montagem que achar mais conveniente para "A Arca de Noé".

Nudez sem castigo



Sandra Barsotti

Vai ao ar no dia 30 aquela que promete ser a cena mais discutida de *Um Homem Muito Especial*, novela que a Bandeirantes apresenta às 20 horas. A cena é exatamente a que mostra Rubens de Falco e Sandra Barsotti nus em momentos de amor. Essa foi a cena que a Bandeirantes não permitiu que fosse fotografada e quem viu garante que ela nada tem de mais e até pelo contrário é, em termos de imagem, o momento mais bonito da novela até agora.

★ ★ ★

Da Venezuela, onde ficará até o final deste mês, Eliana Pittman tem mantido contatos com a TV Globo para saber da possibilidade de fazer um Especial na emissora. Eliana está entusiasmada com a viagem, especialmente com o show que realizou, há dias em Las Vegas, EUA, para os garotos paraplégicos que têm Jerry Lewis como benfeitor. O show de Lewis, com a participação de Eliana, foi transmitido pela televisão coast to coast e segundo Eliana foi lindo e emocionante.

Até o final da semana deverá estar resolvida a contratação de Mauro Montalvão pela TVS, onde apresentará o Giro da Sorte, aos sábados das 18 às 20 horas. A contratação de Mauro só não foi definida ainda porque a TVS, mesmo gravando em São Paulo, não tem ainda condições técnicas ideais para atender a todos os seus novos programas, mas a contratação de Mauro é certa, garante porta-voz da emissora.

EM OUTRAS ÁREAS

Hora de badalar

● Para comemorar a estréia, no próximo dia 1, de *Meu Brasil Brasileiro* no Cine-Show Madureira, Rosemary, a estrela do espetáculo que já correu o mundo, reuniu, na noite da última segunda-feira, um grupo de amigos em seu apartamento na Barra da Tijuca. A reunião começou às 21 horas e só terminou de madrugada. O mais entusiasmado era Abelardo Figueiredo que poderá, enfim, "mostrar esse show (ele é o diretor) inteiro para o público do Rio, já que nas recentes apresentações que fizemos em São Paulo tivemos que cortar alguns quadros". Nem mesmo o fato de ter perdido o patrocínio do show desanima Abelardo Figueiredo que tem certeza de que lotará o Cine-Show Madureira durante toda a temporada.



Beth Carvalho

Beth Carvalho deve cantar - não se sabe ainda se na Quinta da Boa Vista ou no Aterro, o que é mais provável, no dia 18 e pretende reunir um público superior a 20 mil pessoas.

Quem é quem

● Não há ainda nenhuma confirmação oficial mas são insistentes os comentários de que Ademar Dutra será o diretor da Rádio Tupi do Rio, recentemente adquirida pelo grupo Silvio Santos. Mas a decisão definitiva só será tomada na segunda quinzena de outubro, quando Silvio Santos volta da Europa.

Show ao ar livre

● O lançamento do novo LP de Beth Carvalho também vai ser a exemplo do que deveria ter acontecido no último domingo com Clara foi adiado por causa da chuva) ao ar livre.

Frampton no Brasil

● Atenção roqueiros: Peter Frampton estará no Brasil mês que vem. Ele tem apresentações confirmadas, de 22 a 30 de outubro, em Porto Alegre, São Paulo, Rio e provavelmente Belo Horizonte. A viagem de Frampton ao Brasil é apenas uma etapa da longa excursão que ele realiza por países da América Latina. É pela primeira vez os latino-americanos conhecerão um disco de Frampton antes de seu lançamento nos Estados Unidos: ela aproveita a viagem para mostrar seu novo compacto com as músicas *Rise UP* e *Washing the Night Away*.

28/09/80

206

DE OLHO NA CÂMERA

J. SANTANA

Chico na tela

... CHICO BUARQUE DE HOLANDA representa para a música popular brasileira, um dos momentos culminantes de toda a sua história, escrita por personalidades oriundas de todas as camadas do povo. Uma história rica e cheia de lances pitorescos.

... CONTUDO, a figura de Chico Buarque não pode ficar restrita à imagem do músico genial que realmente ele é. Ela extravasa esse limite para se consolidar como uma das mais talentosas personalidades do pensamento cultural brasileiro de todos os tempos.

... POR TUDO isso, o cineasta Maurício Berú foi muito feliz em conseguir convencer Chico a estrelar e conseguir a participação de seus amigos e familiares de uma autobiografia musical chamada "Certas Palavras com Chico Buarque", que estreia breve nos principais cinemas do país.

... COM LOCAÇÕES em São Paulo, Embu e Rio de Janeiro, na casa de Chico, na casa de seu pai Sérgio Buarque de Holanda e nos estúdios da Philips, o filme conta com a participação, em números musicais ou depoimentos, com Caetano Veloso, Maria Bethania,

Vinicius de Moraes (em sua última participação antes de morrer), Toquinho, Francis Hime, Ruy Guerra, Miúcha e vários outros amigos seus.

... O FILME tem uma hora e quarenta e cinco minutos de duração, foi realizado em cores, e trata de aspectos de sua vida pessoal, narrados pelo próprio artista, ilustrado por mais de vinte composições das mais representativas de sua carreira artística.

... MOSTRA AINDA, através de entrevistas tomadas na rua, opiniões do povo sobre o artista e sua obra, provando assim a grande força de penetração de seu trabalho junto a todas as camadas da população brasileira.

... "URBAN COWBOY", estrelado pelo dançante John Travolta, primeiro filme de que participa após o fracasso de "Vivendo Cada Momento", parece estar reabilitando a imagem do ator junto ao público cinematográfico. Pelo menos é o que a gente deduz ao examinar as rendas que o filme vem alcançando nos lugares onde já foi lançado. Agora é esperar sua chegada por aqui para que possamos conferir tudo direitinho.

FOLHA DE S. PAULO

29 / 09 / 80



Adoniran imprimiu sua marca pessoal ao disco da Odeon.

Trapalhada na homenagem para Adoniran

DIRCEU SOARES

A Odeon tem feito ulimamente alguns discos de velhos intérpretes dando-lhes todas as pompas, coisa que eles nunca tiveram durante suas longas carreiras. Foi assim com Clementina de Jesus, ano passado, e agora foi a vez de Adoniran Barbosa. O capricho começa nas capas, entregues ao mirabolante Elifas Andreatto. No entanto, são pompas fúnebres (isola aí, toc-toc-toc!) porque a gravadora, ao produzir estes discos, está naturalmente pensando que serão os últimos deles. Afinal, Clementina está com 78 anos e Adoniran completou 70 dia 6 de agosto passado. Bobagem da Odeon, esses velhos são tão fortes que ainda irão nos nossos enterros.

Este LP "Adoniran Barbosa" foi gravado há sete meses no Rio a título de comemorar os seus 70 anos. Por isso demorou tanto a ser lançado nas lojas, à espera da festa de aniversário. Vários cantores da gravadora foram "escalados" para os estúdios e houve convite a outros de fora, como Elis Regina, Carlinhos Vergueiro e o MPB-4. A palavra "escalados" pode parecer grosseira (quem não gostaria de participar de uma comemoração desta, dedicada a um compositor tão importante?), mas parece ter sido isso mesmo. Nenhum dos contratados da Odeon, com exceção de Djavan, e Clementina, "vestiu a camisa" do time do compositor, isto é, entrou na dele. Foram à sua festa como quem cumpre uma obrigação. Clara Nunes, por exemplo, banca a estrela em aniversário de pobre e dá uma arrogante interpretação a uma das melhores crônicas urbanas de nossa música popular, "Iracema" (Adoniran Barbosa, 1956). Gonzaguinha mal dá as caras em "Despejo Na Favela" (Adoniran, 1969) e Roberto Ribeiro, sambista de grande pique, está tão deslocado e arrastado em "Bom Dia, Tristeza" (Adoniran-Vinicius de Moraes, 1957) que a gente fica com a impressão de que, depois de cantar esta faixa, ele disse "boa noite" e foi dormir.

Isso não aconteceu com nenhum dos convidados de fora da casa. Elis Regina, que retribuiu a visita de Adoniran a um especial dela na TV Bandeirantes, há dois anos, foi um dos poucos cantores que entendeu a alma do velho autor de "Saudosa Maloca". Sua interpretação, com aquele ar de humor, em "Tiro Ao Alvaro" (Adoniran-Oswaldo Moles, 1960), está uma delícia, ainda que, no final, carregue nos "larais". Carlinhos Vergueiro, jovem boêmio mas cantor geralmente frio, encontrou no velho um apoio e se saiu bem tanto na parceria como na interpretação de "Torresmo à Milaneza". E o MPB-4, conjunto quadrado (o número "quatro" de seu nome quer dizer "lados") conseguiu uma proeza: manter a vida e a beleza de "Vila Esperança" (Adoniran-Marcos César, 1968), marcha-rancho de grande sensibilidade ("Foi lá que eu passei o meu primeiro carnaval/Foi lá que eu conheci Maria Rosa, meu primeiro amor").

Adoniran, completamente rouco (muitas vezes, sua voz não passa de um ruído), participa de todas as faixas, ora cantando sozinho, ora cantando junto, ora apenas declamando. Mas é ele, afinal, quem dá a sua marca no LP. Esta marca — o samba não tão limpo — está bem presente em "No Morro do Piolho", "Despejo da Favela", "Aguenta a Mão, João" (parceria com Hervê Cordovil, 1965), "O Casamento do Moacir" (parceria com Oswaldo Moles, 1967) e "Apaga o Fogo Mané" (só dele, 1956). Tirando Adoniran, todo o resto do disco está asséptico demais para uma obra que exatamente retrata São Paulo com seus personagens tirados do povão. Uma assepsia que faz inveja a qualquer programa de samba da TV Globo. Melhor seria colocar Adoniran simplesmente com os Demônios da Garoa e teríamos um retrato muito mais fiel do autor.



Carlinhos Vergueiro, parceria no "Torresmo à Milaneza".

Jornal da TV

ELI HALFOUN

Da boca pra fora

1 De Cláudio Petraglia, superintendente de Produção e Programação da Rede Bandeirantes, sobre os novos planos de programação da emissora: "pretendemos levar ao público uma televisão mais humana, mais democrática. Isso começa com o fato de que a Bandeirantes será uma rede no verdadeiro sentido da palavra, isto é, uma rede são nós que se comunicam, se entrelaçam. A nossa programação continuará sendo criada em São Paulo, na sua maior parte, mas uma parcela substancial será produzida no Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba e assim por diante, numa forma de preservar as características regionais, a cultura local e, ainda, gerar mais empregos. Enfim, uma televisão tem que estar consciente do seu papel de agente modificador, de sua função social e não pode perder o contato básico, o contato com a comunidade".

2 Os US\$ 25 milhões que a Rede Bandeirantes vai investir em equipamento fazem parte do plano da emissora de fixar-se como a maior rede brasileira de televisão. João Saad, presidente da Rede Bandeirantes, garante que a emissora não pretende lutar pelo segundo lugar entre as redes, mas sim conquistar o primeiro posto. O investimento da Bandeirantes beneficiará principalmente a emissora paulista, centro gerador da rede que ganhará breve, muito breve, dez câmaras portáteis e quatro fixas, além de microondas para distribuição do sinal da Bandeirantes em mais 36 pontos do interior paulista.



Heloísa Raso

As Três Marias

Confirmado: Heloísa Raso será a Violeta, na próxima novela das 18h, «As Três Marias», adaptação de Wilson Rocha e direção original de Rachel de Queiroz e de Herval Rossano. Heloísa começa a gravar na primeira quinzena de outubro e seu personagem vai até o último capítulo. Heloísa continua também ensaiando para se apresentar com o grupo de teatro da Igreja Messiânica, por vários teatros cariocas.

Toma que o filho é dela

Janete Clair liberta sua imaginação e pode chegar, se forem verdadeiros os comentários nos bastidores de *Coração Alado*, bem próxima ao absurdo: o que se diz é que a gravidez de Catucha e a gravidez de Vivian darão a novela mais emoção e à autora oportunidade de descompromissar-se com a realidade. Vejamos: Catucha fica grávida mas perde o filho e Vivian, também grávida, tem o filho, que é de Leandro, mas não quer ficar com a criança. Resultado: o menino acaba nas mãos de Catucha e é criado por Pitanga como se fosse dele. Com toda essa absurda confusão acredita-se que *Coração Alado* vai conquistar mais público e essa tem sido, no momento, a preocupação maior da Globo.



Sílvia Salgado

Sílvia Salgado já tem planos para depois de Plumas e Paetês ela viaja com seu marido (Sílvia casou recentemente, no Rio) para os Estados Unidos onde pretende passar pelo menos um mês em lua-de-mel. A viagem servirá também para que a atriz conheça os amigos americanos de seu marido, que morou muitos anos em Nova York.

Foram gravadas esta semana em São Paulo as cenas de um desfile de modas com as participações das atrizes Maria Cláudia, Lúcia Alves e Sura Berditchewski. O desfile será utilizado num dos próximos capítulos de «Plumas & Paetês», que, na base do devagar e sempre, ameaça transformar-se no sucesso maior entre as atuais novelas da Globo.

EM OUTRAS ÁREAS

Chico no cinema

● Chico Buarque chega ao cinema: está marcado para outubro o lançamento do documentário de longa-metragem *Certas Palavras com Chico Buarque*, realizado pelo cineasta argentino Maurício Beru, radicado no Brasil há mais de três anos, é o autor de um filme idêntico com Astor Piazzola. Em *Certas Palavras*, Chico Buarque, além de mostrar através de suas músicas toda a trajetória de sua carreira como cantor e compositor, conta todo o processo que envolveu cada uma de suas composições. O filme tem também depoimentos de Vinicius de Moraes, Francis Hime, Caetano Veloso, Toquinho, Milton Nascimento, Maria Bethânia e Nara Leão, todos parceiros ou intérpretes de Chico.

Viva o rádio

● Enquanto não volta à televisão, Mauro Montalvão vai ser do rádio: está confirmada para esta segunda-feira sua estréia na Capital Rio. Mauro promete um programa jornalístico-musical em que distribuirá muitos prêmios entre os ouvintes. O programa vai ao ar a partir das 14 horas.

Liderança é isso

● Enquanto a Rádio Tupi-Rio lidera a audiência nas pesquisas do Ibope, a Rádio Globo é a dona da situação no Ibope. O último boletim do Ibope dá uma tranqüila liderança à Globo e garante de segunda a domingo que a Globo esteve 536 vezes no primeiro lugar; de segunda a sexta-feira a Globo

esteve no primeiro lugar durante 380 vezes. Aos sábados o IBOPE aponta a Globo em primeiro lugar, das 7 às 19 horas, com a pesquisa realizada de meia em meia hora, durante 68 vezes e aos domingos 88 vezes.

Dupla da pesada



Alcione

● Alcione e Maria Bethânia estarão juntas mais uma vez num show muito especial: no dia 3 de outubro elas fazem da Escola de Samba Mangueira o seu palco para um show que tem início marcado para as 23h30m. Alcione promete cantar antigos sucessos e as músicas de seu novo LP *E Vamos à Luta*.

Oscar no desfile

Além de ter escolhido um enredo de indiscutível apelo popular, a Mangueira promete para o desfile do carnaval de 81 uma cooperação que certamente marcará época: suas alegorias serão projetadas por ninguém menos que Oscar Niemeyer. E, ao que consta, a primeira experiência do nosso mais famoso

arquiteto na área carnavalesca. Niemeyer trabalhará com uma equipe integrada pelos também arquitetos Bernardo Goldwaser, Jaime Zedel, José Leal e Sabino Barroso. Quanto à execução propriamente dita das alegorias, ficará a cargo de um mangueirense histórico, o Melão.

O SHOW DO ANO

Está sendo preparado para dia 20 de outubro um show no Teatro João Caetano, em homenagem a Vinicius de Moraes. O espetáculo, num único dia, promete ser o maior do ano, pois levará ao palco um autêntico primeiro time da nossa música popular: Edson Frederico e a Banda Metalúrgica Dragão de Ipanema, o Quarteto em Cy, Luiz Claudio, Carlos Lira, Nana Caymmi, Clara Nunes, Francis Hime, Maria Creuza, Sebastião

Tapajós, Maurício Einhorn, o Trio Tamba, a atriz Maria Fernanda, os Jograis da Guanabara, Edu Lobo, Miúcha e Antonio Carlos Jobim. Como apresentadores, Miele, Tonia Carrero, Lucio Mauro, Wanda Lacerda e Jardel Filho. A direção será de Haroldo Costa, uma garantia a mais para a qualidade do acontecimento que se chamará "Se todos fossem iguais a você" e cuja renda revertirá para a Casa dos Artistas.

O lago da Primavera

A aparição da garça por dois dias no lago junto à Rua São José, no centro da cidade, espertou o interesse popular que o noticiário transmitiu. Mas também poderia sensibilizar o Departamento de Parques e Jardins quanto à sujeira do lago, com o fundo cheio de latas vazias e detritos de toda sorte. Uma boa limpeza ali prestaria homenagem à "Primavera" — nome que a garça recebeu —, e, quem sabe, atrairia outras companheiras suas.

Do guarda, nem sinal

Há pouco tempo, para a entrada e a saída do Colégio Andrews, na Visconde Silva, no Humaitá, havia um dos chamados "sinais bobos" (aqueles que só servem em determinadas horas e, por isto, são quase sempre desprezados), com um guarda controlando-o.

Para evitar a interrupção constante do fluxo de veículos, o sinal foi retirado. Até aí tudo bem. O que não está certo é o guarda ter ido embora também. Que volte o guarda, pois agora mesmo é que as crianças não conseguem atravessar a Visconde Silva.

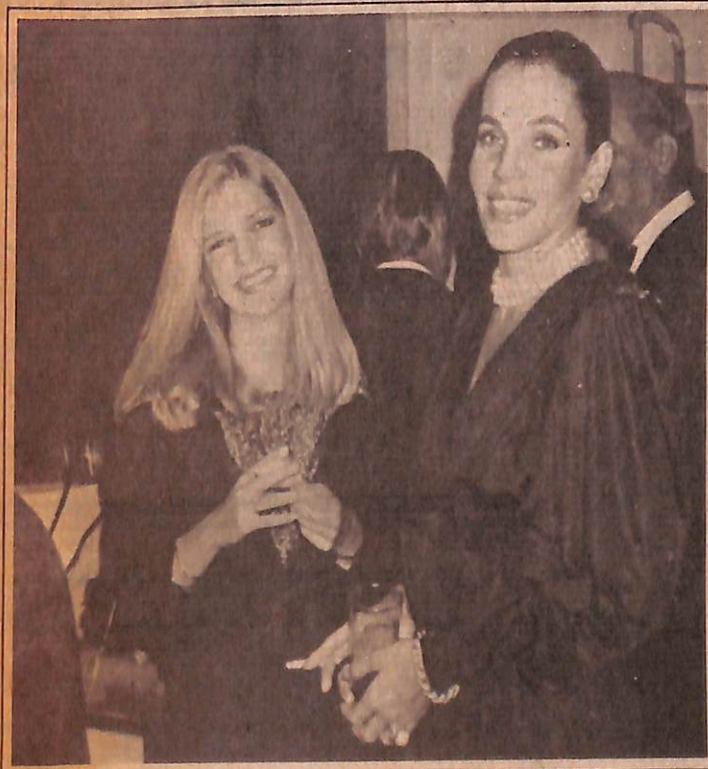
COLUNA DE CARLOS SWANN

Cowboys do ar

Com a degola das bebidas alcoólicas no serviço de bordo dos vôos domésticos, cresceu a venda das miniaturas de uísque nos aeroportos. Os passageiros habituados a bebericar estão viajando com sua ampola no bolso do terno, para tomá-la "ao velho Oeste", isto é, purinha, de um trago só, ou então nos copos de refresco.

ZONA FRANCA

- Festa animada, sábado à noite, na Urca: Gilse Campos reuniu um grupo numeroso de amigos para festejar o aniversário do marido, Mauro Campos, e mais o de Marina Colasanti, o de Sérgio Carneiro e o de Marcos Vasconcelos. As danças vararam a madrugada.
- Hoje, Marininha Leão Teixeira promove chá para as patronesses do desfile que se realizará dia 21 em benefício da Casa de Mater. São elas Maria Inês Piano, Maria Laura Avelar, Suzette Dourado, Marlinha Renha, Elizabeth Sloper, Gilda Sampaio, Leda Lage, Solange Ribenboim e Nair Atherino.
- Edgard Maciel de Sá Júnior (in memoriam), Maria Regina Garcia de



Luísa Galliez Pinto e Bebel Marcondes Ferraz em festa recente. (Foto Ehrlich)

- Sttau Monteiro, Rosamaria e Carlos Augusto de Menezes Gelio convidando para o casamento de seus filhos Patrícia e Fernando, dia 10, na capela de São Conrado.
- Frei Albino Aresi fará palestra sobre "A religião e o espiritismo", amanhã, às 20 horas, na igreja dos Capuchinhos, à Rua Haddock Lobo.
- O Lions Club de Jacarepaguá promove chá beneficente com vistas ao Natal dos pobres, dia 2, às 15 horas, no Fluminense.
- Começa dia 7 o curso de lardinagem que Lourdes Vivacqua dará na obra social O Sol.
- O escultor José Carlos Galvão tem vernissage amanhã na galeria de

- Paulo Klabin, no shopping-center da Gávea. Trabalhos em madeira.
- Será dia 16, no Hotel Nacional, o Chá da Acácia Dourada, como sempre em benefício da Casa das Palmeiras.
- Ana Gasparini mostra amanhã sua nova coleção a um grupo de jornalistas da área de moda.
- Quem passou o fim de semana no Rio foi o colonista pernambucano José de Souza Alencar, o Alex. Ele retorna hoje ao Recife.
- Júlio Senna assina a decoração com que o Café do Teatro receberá hoje à noite o público do Municipal, após a entrega dos prêmios Molière.

Sem gasolina

Em junho do ano que vem estará circulando o primeiro carro elétrico brasileiro, um furgão para entregas rápidas, em percursos curtos, urbanos, com capacidade para transportar quatro pessoas e 300 quilos de carga. Tem autonomia de 80 quilômetros, e a primeira leva será de 50 veículos, mas em 1982 a produção já deverá ser de 100 carros por mês.

O carro elétrico terá um nome hidrelétrico, naturalmente: Itaipu.

HAJA CHÃO

As estradas brasileiras continuam sendo feitas ignorando as populações que moram às suas margens — é um dos preços do progresso. Que o diga o poeta Paulo Mendes Campos: está viajando 18 quilômetros para comprar cigarros, desde que o beneficiaram com um belíssimo trecho da nova União e Indústria.

Trem japonês salva o Rio

Está havendo uma revolução técnica — pela primeira vez em muitos anos, diga-se de passagem — na Rede Ferroviária Federal: os trens encomendados para as linhas de subúrbio do Rio copiaram o sistema japonês desse tipo de transporte. O sistema convencional, usado nos trens fabricados até o princípio dos anos 70, era de um carro tração e três reboques. Quando enguiçava o trator, paravam todos. O sistema japonês é de dois carros tratores e dois reboques. O trator, em ambos os casos, também conduz passageiros. Jamais enguiçou. Daí o respeito dos passageiros do subúrbio carioca pelo trem japonês, que nunca foi deprecado (embora tenha até enguiçado umas poucas vezes).

E que ficou difícilmente enguiçar simultaneamente os dois carros de tração. Quando um deles enguiça, o outro leva o trem repleto até o fim da linha. Agora, com a sobrecarga no sistema ferroviário carioca (capacidade de 500 mil passageiros/dia, transporte de 700 mil/dia, demanda reprimida de 2 milhões/dia), foi o trem japonês o responsável por não ter havido um colapso no sistema de transporte suburbano do Rio.

O pioneiro

No fim de semana passado noticiávamos a excursão à China, breve, do trio formado pelo pianista Arnaldo Cohen, o violinista Cussy de Almeida e o violoncelista Peter Dauelsberg como sendo a primeira missão cultural brasileira ao país de Mao. Cabe agora uma reflexão: na verdade, o primeiro artista patricio a se apresentar lá foi o pianista Arnaldo Estrella, que em-

priu uma temporada de sucesso em 1959, quando, allás, o próprio Mao estava no poder. Estrella exibiu-se para platéias monumentais, e uma das observações que trouxe dizia respeito aos pianos chineses, copiados dos Steinway mas bem maiores que os modelos ocidentais — o que lhe permitia, segundo ele, alcançar sonoridades insuspeitadas.

Botequinando

O novo ponto de encontro da boêmia ipanemense e lebloniana não fica no Reino Unido de Ipanema e Leblon, mas em Botafogo. É o botequim — boteco mesmo, antigo e de verdade — que Elsie e Manfredo Colasanti compraram na rua Pinheiro Guimarães. Elsie, de avental, está por trás do balcão, enquanto Manfredo exercita sua boa conversa com a freguesia.

32 CONJUNTOS DISPUTAM O 7º CONCURSO DE CORAIS

TRINTA e dois corais, de 16 municípios brasileiros, estarão concorrendo — a partir de quarta-feira, na Sala Cecília Meireles — ao 7º Concurso de Corais do Rio de Janeiro, promovido pelo JORNAL DO BRASIL e pela RÁDIO JORNAL DO BRASIL-FM, sob o patrocínio da Funarte.

Treze conjuntos são do Rio de Janeiro, três de São Paulo, dois de Belo Horizonte e dois de Niterói. Nova Iguaçu, Caxias, Juiz de Fora, São Gonçalo, Santo Antônio de Pádua, Friburgo, Viçosa, Brasília, Londrina, Toledo, Brasília e São Leopoldo mandaram um representante cada. Os corais inscri-

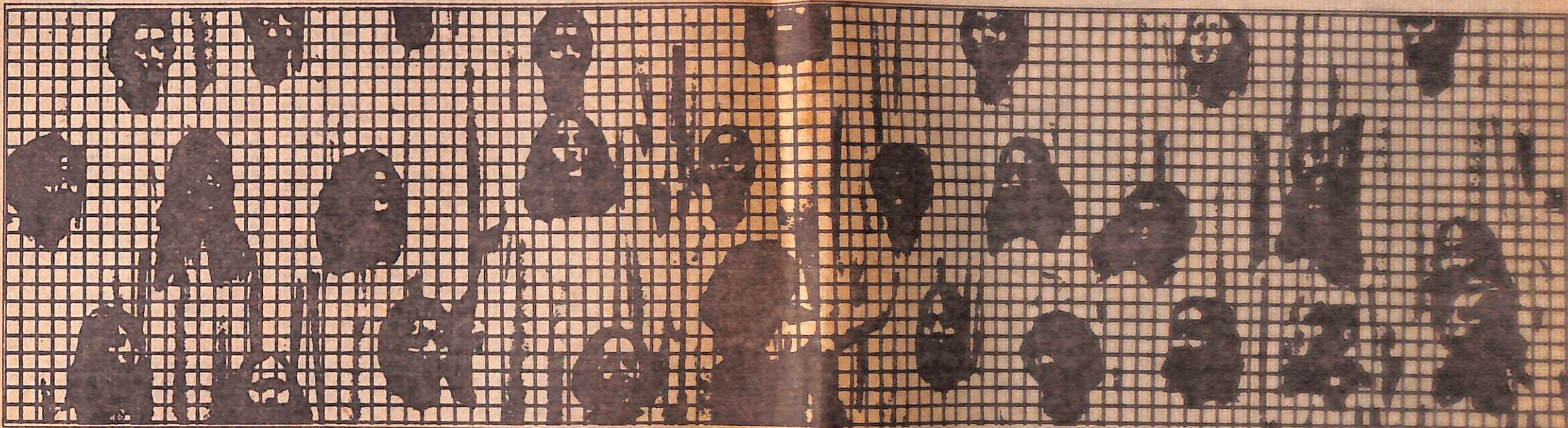
tos competem em quatro categorias — vozes infantis, vozes iguais juvenis, vozes mistas juvenis e vozes mistas adultas — para as quais haverá prêmios específicos destinados aos primeiros e segundos lugares, além de um prêmio especial para a melhor interpretação da peça de confronto.

O maior número de inscrições está na categoria dos corais mistos adultos com 15 participantes, seguindo-se os mistos juvenis (oito conjuntos), os infantis (sete corais) e, finalmente, os juvenis de vozes iguais, com apenas dois concorrentes. A maioria dos coros tem 30 a 50 elementos, mas há muitas

variantes e casos extremos, como o Coral da Universidade Estadual de Londrina — que chega a 85 vozes — e o Coral Cantovivo, de São Paulo, que conta apenas com 18 participantes. O Concurso começa com a apresentação eliminatória dos corais do Rio e cidades vizinhas, na quarta e quinta-feira. A sexta será reservada para a eliminatória de todos os corais de cidades distantes e o sábado e domingo para as provas finais. Todas as apresentações serão realizadas na Sala Cecília Meireles, às 16 horas. Sábado, antes de se iniciar a etapa final do certame, serão ouvidos "hors-concours" os Curumins da As-

sociação de Canto Coral e o Coral Villa-Lobos do Instituto de Educação Santo Antônio, que receberam os primeiros lugares — durante duas competições consecutivas (1976 e 1978) — nas categorias de vozes infantis e vozes femininas, respectivamente. De acordo com o Regulamento do Concurso, ambos não concorrem este ano, participando apenas como convidados.

O júri do 7º Concurso de Corais do Rio de Janeiro é formado pelos regentes corais Samuel Kerr, Cleofe Person de Mattos e Elza Lakshevitiz; e pelos compositores Edino Krieger e Ayton Escobar.



CORAIS "HORS-CONCOURS"

Os Curumins da Associação de Canto Coral (Rio de Janeiro — RJ) 30 integrantes — vozes infantis — Regente: Elza Lakschevitz. Repertório: Leilão de Jardim, de Ricardo Tacuchian (texto de Cecília Meireles); A Pombinha (folclore — arranjo de Vicente Valle); Os Sapos, de Emanuel Coelho Maciel (texto de Manoel Bandeira); Um Ideal, de Vanda Bellard Freire (texto de Luis Peixoto); Borba Gato, de Ronaldo Miranda (texto de Luis Carlos Saroldi).

Coral Villa-Lobos do Instituto de Educação Santo Antônio (Nova Iguaçu — RJ) 47 integrantes — vozes femininas — Regente: Odette de Freitas Tinoco. Repertório: Adivinhação, de José Vieira Brandão (texto de Martins d'Alvarez); Agnus Dei da Missa de São Sebastião, de Villa-Lobos; The Nightingale, the Organ of Delight, de Thomas Weelkes.

CORAIS CONCORRENTES

CATEGORIA A

Corais infantis

Coral Infantil do Colégio Marista São José (Rio de Janeiro — RJ) 46 integrantes — Regente: Gilberto Bittencourt. Repertório — Prova Eliminatória: Cancion de Cuna, de Luis Gianneo; Cidadezinha Qualquer, de David Korenchender sobre texto de Carlos Drummond de Andrade (confronto); Prova Final: O Relógio, de Ricardo Tacuchian; Pars Mea Dominus, de Palestina; e Suite Folclórica (temas folclóricos em adaptação de Ricardo Tacuchian).

Coral Infantil do Instituto Metodista de Ação Social (Rio de Janeiro — RJ) 27 integrantes — Regente: Helga Lieby. Repertório — Prova Eliminatória: Maus Fallen Spruchlein, de Hugo Distler; Cidadezinha Qualquer, de David Korenchender sobre texto de Carlos Drummond de Andrade (confronto); Prova Final: O Relógio, de Ricardo Tacuchian; Sanctus, de Clemens Non Papa; Tenho um Cachorrinho (folclore — arranjo de Camargo Guarnieri).

Coral da Escola Municipal Soares Pereira (Rio de Janeiro — RJ) 58 integrantes — Regente: Anna Campello Egger. Repertório — Prova Eliminatória: Ade Fur Guten Nacht (folclore alemão); Cidadezinha Qualquer, de Henrique David Korenchender sobre texto de Carlos Drummond de Andrade (confronto); Prova Final: Vespéral, de Lorenzo Fernandez; Leilão de Jardim, de Ricardo Tacuchian; e Es Blies Ein Tager Wohl in Sein Horn (folclore alemão).

Coral Infantil do Instituto de Educação Santo Antônio (Nova Iguaçu-RJ) 60 integrantes. Regente: Odette de Freitas Tinoco. Repertório — Prova Eliminatória: J'entends le Moulin (folclore canadense — arranjo de André Levallois); Cidadezinha Qualquer, de David Korenchender sobre texto de Carlos Drummond de Andrade (confronto); Prova final — O Marimbondo, de José Vieira Brandão (texto de Vinicius de Moraes); Was sigst du in den Zweingem?, de H. Muller; Manjarico, o meu Manjarico (folclore português — arranjo de Lucília Guimarães Villa-Lobos).

Coral Infantil do Colégio Santo Inácio (Rio de Janeiro — RJ) 50 integrantes — Regente: Odette de Freitas Tinoco. Repertório — Prova Eliminatória: O Papagaio (folclore — arranjo de Aricó Junior); Cidadezinha Qualquer, de David Korenchender sobre texto de Carlos Drummond de Andrade (confronto); Prova Final: Noturno das Folhas Soltas, de Lorenzo Fernandez; O Cavalinho Branco, de Odette Tinoco (texto de Cecília Meireles); e Na Mão Direita, (folclore brasileiro — arranjo de Villa-Lobos).

Coro Mater Verbi dos Meninos Cantores da Academia (Juiz de Fora — MG) 24 integrantes — Regente: Otávio Garcia. Repertório — Prova Eliminatória: Da Così Dotta Man, de Palestrina; Cidadezinha Qualquer, de David Korenchender sobre texto de Carlos Drummond de Andrade (confronto); Prova Final — Noite de Junho, de Lorenzo Fernandes; Amate mi Ben Mio, de Luca Marenzio; e Prenda Minha (folclore gaúcho).

Coral do Colégio Municipal Marechal Castelo Branco (Duque de Caxias — RJ) 52 integrantes — Regente: Eunice Silveira. Repertório — Prova Eliminatória: Rosa Vermelha (folclore — arranjo de Aricó Junior); Cidadezinha Qualquer, de David Korenchender sobre texto de Carlos Drummond de An-

drade (confronto); Prova Final — Uirapuru, de Waldemar Henrique; As Ave-Marias, de C. Schulz; Cai Chuva (folclore — arranjo de Aricó Jr.).

CATEGORIA B

(Corais juvenis de vozes iguais)

Coral Feminino do Colégio Marista São José (Rio de Janeiro — RJ) 24 integrantes — Regente: Gilberto Bittencourt. Repertório — Prova Eliminatória: In Monte Oliveti, de Martini; e Arêia, Arêia, de Sérgio Vasconcellos Correa (confronto); Prova Final: Noite de Junho, de Lorenzo Fernandez; Ave Verum, de Saint-Saens; e Cirandas (temas folclóricos em adaptação de Ricardo Tacuchian).

Coral Juvenil do SESI (Brasília — DF) 50 integrantes — Regente: Walber Ferreira Batista. Repertório — Prova Eliminatória: Arrastão, de Eduardo Lobo e Vinicius de Moraes (arranjo de Nelson Mathias Silva); Arêia, Arêia, de Sérgio Vasconcellos Correa (confronto); Prova Final: Bandinha da Rocha, de Fabiano Lozano; Itabalana (folclore da Paraíba — arranjo de Vieira Brandão); Pars Mea Dominus, de Palestrina.

CATEGORIA C

(corais juvenis de vozes mistas)

Coral do Instituto Benjamin Constant (Rio de Janeiro — RJ) 33 integrantes — Regente: Sidney de Souza. Repertório — Eliminatória: Estão Voltando as Flores, de Paulo Soledade (arranjo de Sidney Souza); Peça de Confronto para Coro Misto Juvenil (Descontraído!), de Nestor de Hollanda Cavalcanti sobre texto de Hamilton Vaz (confronto); Prova Final: Luciana, de Eduardo Souto Neto e Paulinho Tapajós; Liebestraume, de Liszt (transcrição de Ademair Saide); Andorinha Preta (arranjo de A. Saide).

Coral do Colégio Estadual Brigadeiro Schorcht (Rio de Janeiro — RJ) 45 integrantes. Regente: Solange Pinto Mendonça. Repertório — Prova Eliminatória: Chorinho, de Vieira Brandão; Peça de Confronto para Coro Misto Juvenil (Descontraído!), de Nestor de Hollanda Cavalcanti sobre texto de Hamilton Vaz (confronto); Prova Final: Cambinda Elefante, de Ernest Mahle; Bourrée da Segunda Suite Inglesa, de Bach (transcrição de Bennett Williams); Carnavalito Quebradeño (folclore argentino).

Coral do Colégio de Pádua Santo Antônio de Pádua — RJ) 32 integrantes — Regente: Celina Lavaquial de Castro. Repertório — Prova Eliminatória: Mineiro Pau-Caxambu (temas folclóricos de Pádua em arranjo de Hélio e Celina de Castro); Peça de Confronto para Coro Misto Juvenil (Descontraído!), de Nestor de Hollanda Cavalcanti sobre texto de Hamilton Vaz (confronto); Prova Final: Rosa Desfolhada, de Vinicius de Moraes e Toquinho (arranjo de Duílio Milani); So Ben Mi Ch'a Bon Tempo, de Orazzi Vecchi; Every Time I Feel the Spirit (negro spiritual).

Coral Silva Novo do Colégio Gomes Freire de Andrade (Rio de Janeiro-RJ) 66 integrantes. Regente: Irene Zagari Tupinambá. Repertório — Prova Eliminatória: Every Time I Feel the Spirit (negro spiritual — arranjo de Margaret e Travis Johnson); Peça de Confronto para Coro Misto Juvenil (Descontraído!), de Nestor de Hollanda Cavalcanti sobre texto de Hamilton Vaz (confronto); Prova Final: Canção de Barco, de Ricardo Tacuchian (texto de Mário Quintana); Kyrie da Missa Aeterna Christus Munera, de Palestrina; Nobody Knows (spiritual — arranjo de Robert Shaw e Alice Parker).

Coral do Centro Educacional de Niterói (Niterói — RJ) 60 integrantes. Regente: Ermano Soares de Sá. Repertório — Prova Eliminatória: Sepulto Domino, de Padre José Maurício; Peça de Confronto para Coro Misto Juvenil (Descontraído!), de Nestor de Hollanda Cavalcanti sobre texto de Hamilton Vaz (confronto); Prova Final: Anunciação, de Ricardo Tacuchian (texto de Vinicius de Moraes); Un Jour Vis un Jour, de Orlando de Lassus; Rosa Amarela (folclore da Paraíba — arranjo de Villa-Lobos).

Coral do Colégio de Aplicação da UERJ (Rio de Janeiro — RJ) 41 integrantes — Regente: Irene Zagari Tupinambá. Repertório — Prova Eliminatória: Regina Coeli, de Aichinger; Peça de Confronto para Coro Misto Juvenil (Descontraído!), de Nestor de Hollanda Cavalcanti sobre texto de Hamilton Vaz (confronto); Prova Final: Trem de Ferro, de Vieira Brandão (texto de Manoel Bandeira); Exultate, de Viadana; Ai, Babú (folclore cearense — arranjo de Silva Novo).

Coral do Centro Federal de Educação Tecnológica das Minas Gerais (Belo Horizonte — MG) 44 integrantes — Regente: Marco Antônio Drummond. Repertório — Prova Eliminatória:

Ramba (folclore mexicano — arranjo de Ramon Noble) e Peça de Confronto para Coro Misto Juvenil (Descontraído!), de Nestor de Hollanda Cavalcanti sobre texto de Hamilton Vaz (confronto); Prova Final: Je ne l'Ose Dire, de Pierre Certon; Judas Mercator Pessimus, de José Maurício Nunes Garcia; Cambinda Elefante (quatro cânticos de Maracatu — arranjo de Ernest Mahle); Madrigal do Colégio Rio Branco (São Paulo — SP) 38 integrantes — Regente: Giovanni Paolo Momo. Repertório — Prova Eliminatória: What Kind O'Shoes You Gonna Wear, de Jester Hairston; Peça de Confronto para Coro Misto Juvenil (Descontraído!), de Nestor de Hollanda Cavalcanti sobre texto de Hamilton Vaz (confronto); Prova Final — Negriño do Pastoreio, de Barbosa Lessa; Ária da Suite nº 3, de J. S. Bach; e Mulher Rendeira (folclore — arranjo de Giovanni Paolo Momo).

CATEGORIA D

(corais adultos de vozes mistas)

Coral da Universidade Estadual de Londrina (Londrina — PR) 27 integrantes — Regente: Othonio Benvenuto. Repertório — Prova Eliminatória: Capim de Pranta, de Camilo Lacerda; Poema, de Jamary de Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: Judas Mercator Pessimus, do Padre José Maurício; Der Traum de Schumann; Yemanjá Otô (folclore — arranjo de Kilza Setti).

Coral da Usiminas (Belo Horizonte — MG) 27 integrantes — Regente: Mariza Mazarello Leite de Castro. Repertório — Prova Eliminatória: Alma Liana, de Pedro Gutierrez (arranjo de Angel Saude); Poema, de Jamary de Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: Apaitei-te Cavaquinho, de Ernesto Nazare; Boiadeiro do Sertão, de Roberto de Castro; Beira Mar (folclore — arranjo de Esther Seljar).

Coral Vozes de Euterpe (Brasópolis — MG) 28 integrantes — Regente: José Rezende Vilela. Repertório — Prova Eliminatória: Amo-te Muito, de João Chaves (arranjo de Afrânio Lacerda); Poema, de Jamary Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: Apaitei-te Cavaquinho, de Ernesto Nazare; Boiadeiro do Sertão, de Roberto de Castro; Beira Mar (folclore — arranjo de Esther Seljar).

Coral do Instituto Metodista Bennett (Rio de Janeiro — RJ) 65 integrantes — Regente: Sidney Jorge de Carvalho. Repertório — Eliminatória: Salmo Brasileiro, de Jorge de Lima e Jean Berger; Poema, de Jamary de Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: O Ochi Manza Mia, de Orlando de Lasso; Canção de Muitas Marias, de José Vieira Brandão (texto de Manoel Bandeira); Ezekiel Saw De Wheel (spiritual — arranjo de William Dawson).

Coral da Embratel (Rio de Janeiro — RJ) 20 integrantes — Regente: Irene Zagari Tupinambá. Repertório — Prova Eliminatória: Ave Verum Corpus, de Mozart; Poema, de Jamary de Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: Adivinhação, de José Vieira Brandão (texto de Martins d'Alvarez); Ave Maria, de Vitoria; Muie Rendera (folclore — arranjo de Carlos Alberto Pinto da Fonseca).

Coral da SUAM — Faculdades Integradas Augusto Motta (Rio de Janeiro — RJ) 35 integrantes — Regente: Silas Sias. Repertório — Prova Eliminatória: Ave Maria, de Vitoria; Poema, de Jamary de Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova final: Anunciação, de Ricardo Tacuchian; Sepulto Domino, do Padre José Maurício; Elijah Rock (spiritual) — arranjo de J. Hairston).

Coral da Cidade (Niterói — RJ) 30 integrantes — Regente: Ermano Soares de Sá. Repertório — Prova Eliminatória: It Was a Lover and his Lass, de Thomas Morley; Poema, de Jamary de Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: Fuga do Primeiro Moteto, de Bach; Popule Meus, do Padre José Maurício; e Prende a Vela (folclore da Colômbia — arranjo de Carbone).

Coral da Universidade Federal de Viçosa (Viçosa — MG) 32 integrantes — Regente: João Adamor Dias Neves. Repertório — Prova Eliminatória: Passacalha, de Edino Krieger; Poema, de Jamary de Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: Ave Verum, de Mozart; Vassourinhas, de G. Matias da Rocha (arranjo de Carlos Alberto Pinto da Fonseca); Rosa Amarela (folclore — arranjo de Villa-Lobos).

Coral Cristo-Rei (Toledo — PR) 43 integrantes — Regente: Darcysio Fritsch. Repertório — Prova Eli-

minatória: Dai Gloria a Deus, de Ernesto Devere; Poema, de Jamary de Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: Ave Maria do Morro, de Herivelto Martins (arranjo de Cesar Leitig); Vem, Ó Noite, de Beethoven; Balaio (folclore gaúcho).

Coral da Cultura Inglesa (Rio de Janeiro — RJ) 24 integrantes. Regente: Marcos Leite. Repertório — Prova Eliminatória: She's Leaving Home, de Lennon e McCartney (arranjo de Marcos Leite); Poema, de Jamary de Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: Vidurbana — Parte A: A Família, de Marcos Leite e Paula Mofreita; Alleluia, de Randall Thompson; Carnavalito Humahuaguêño (folclore — arranjo de Moacyr del Picchia).

Coral Nossa Senhora das Graças (São Gonçalo — RJ) 24 integrantes — Regente: Dejayr Francisco Monnerat. Repertório — Prova Eliminatória: Ave Maria, de Vicente Paiva e J. Redondo (arranjo de Dejayr Monnerat); Poema, de Jamary de Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: Aquarela do Brasil, de Ary Barroso (adaptação de Dejayr Monnerat); O Canto do País, de Villa-Lobos; Coco do Engenho Novo (folclore — arranjo de Lorenzo Fernandez).

Sociedade Coral Sinfônica de Nova Friburgo (Friburgo — RJ) 63 integrantes — Regente: Raul Gomes de Almeida; Repertório — Prova Eliminatória: Ave Maria, de Vitoria; Poema, de Jamary de Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: Estrela é Lua Nova, de Villa-Lobos; Ave Verum, de Mozart; Roll, Jordan Roll (negro spiritual).

Coral da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo — RS) 27 integrantes — Regente: José Pedro Boessio. Repertório — Prova Eliminatória: Les Cris de Paris, de Clement Janquin; Poema, de Jamary de Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: Lobet Den Hern Alle Heiden (Moteto VI), de Bach; Duas Lendas Ameríndias, de Villa-Lobos; Prenda Minha e Chimarrita (folclore gaúcho — arranjo de Damiano Cozzella).

Coral Cantovivo (São Paulo — SP) 18 integrantes — Regente: Joaquim Paulo do Espírito Santo. Repertório — natória: God is Seen (spiritual — arranjo de Alice Parker); Poema, de Jamary de Oliveira sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: Romaria, de Oswaldo Lacerda; Hymn to St. Cecilia, de Britten; Good News (spiritual — arranjo de Dawson).

Coral de Universitários da Católica — CUCA (São Paulo — SP) 36 integrantes — Regente: Renato Teixeira Lopes. Repertório — Prova Eliminatória: Trois Chansons, de Ravel; Poema, de Jamary de Oliveira, sobre texto de Antônio Brasileiro (confronto); Prova Final: Ave Maria, de Bruckner; Rumo Sol; Espiral, de Ernst Widmer; Walked this Lonsome Valley (spiritual — arranjo de William Dawson).

A apresentação nas eliminatórias

QUARTA-FEIRA, DIA 1

Coral Infantil do Colégio Marista São José, Coral Infantil do Instituto Metodista de Ação Social, Coral da Escola Municipal Soares Pereira, Coral Infantil do Instituto de Educação Santo Antônio, Coral Infantil do Colégio Santo Inácio, Coral do Colégio Municipal Marechal Castelo Branco, Coral do Instituto Benjamin Constant, Coral Estadual Brigadeiro Schorcht e Coral do Centro Educacional de Niterói.

QUINTA-FEIRA, DIA 2

Coral Feminino do Colégio Marista São José, Coral Silva Novo do Colégio Gomes Freire de Andrade, Coral do Colégio de Aplicação da UERJ, Coral do Instituto Metodista Bennett, Coral da Embratel, Coral da SUAM, Coral da Cidade, Coral da Cultura Inglesa e Coral Nossa Senhora das Graças.

SEXTA-FEIRA, DIA 3

Coro Mater Verbi dos Meninos Cantores da Academia, Coral Juvenil do Sesi, Coral Infanto-Juvenil da Escola de Música de Brasília, Coral do Colégio de Pádua, Coral do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Madrigal do Colégio Rio Branco, Coral da Universidade Estadual de Londrina, Coral da Usiminas, Coral Vozes de Euterpe, Coral da Universidade Federal de Viçosa, Coral Cristo-Rei, Sociedade Coral Sinfônica de Nova Friburgo, Coral da Universidade do Vale dos Sinos, Coral Cantovivo e Coral dos Universitários da Católica.

EM ROTAÇÃO

GAL Costa terminou de colocar voz na última faixa de um novo LP, *Aquarela do Brasil*, só com músicas de Ary Barroso, como a citada, *É Luxo Só*, *Tabuleiro da Balana* (em dueto com Caetano Veloso), *Tu, Camisa Amarela* e outras menos conhecidas, como a parceria, com *Viniçius*, *Já Era Tempo*. Agora, retoma o mais longo show de todos os tempos — *Gal Tropical* — na fase Norte e Nordeste.

- Sebastiana, Como Tem Zé na Paraíba, Forró em Limoeiro, Frevo do El ("Vocês vão ver como é/Didi, Garrincha e Pelé/dando seu baile de bola"), Chiclete com Banana, entre muitas outras, são algumas gravações imortais de Jackson do Pandeiro, que deverá ter uma produção à altura de seu talento, agora em nova gravadora, aos cuidados de Armando Piti-gliani. Jackson entra em estúdio no próximo mês.

- Ostentando na contracapa, numa moldura, a dilacerada carteirinha de sócio do Elvis Rock Club, número 9, aos 16 anos, em Salvador, Raul Santos Seixas tem mais um LP nas lojas, *Abre-te Sésamo* (CBS). O disco vem ainda com a tarja "censurado", por causa do *Rock das Aranhas*, fulminado pelo Conselho Superior de Censura, com execução "proibida em emissoras de rádio e TV", conforme aviso em vermelho. Raul volta ao gênero satírico que o consagrou a partir de *Ouro de Tolo*, como especial destaque para a faixa título em suas ironias nada sutis: "Lá vou eu de novo/ um tanto assustado com Ali Babá e os 40 ladrões/ já não querem nada/ com a pátria amada/ e cada dia mais enchendo os meus botões/ fecham a porta/ abre a porta/ abre-te Sésamo/ vamos na gangorra/ no meio da zorra/ desse vai e vem/ é tudo mentira/ quem vai nessa pira/ atrás do tesouro de Ali bem bem."

- Mais uma estrelinha engajada na preservação ecológica. Olivia Newton-John, que faz o gênero loura-burra, cancelou com alarde sua excursão ao Japão, por causa da "matança desenfreada de golfinhos por pescadores japoneses".

Uma lástima. Em compensação, está saindo às lojas a trilha sonora do filme *Xanadu*, composta por Jeff Lynne, da *Electric Light Orchestra*, onde a cantorinha australiana contracena com Gene Kelly e contracanta com Cliff Richard. Os golfinhos sobreviventes à matança certamente não resistirão a esse tipo de emissão sonora altamene poluidora.

- Mas, caso suportem a Olivia, submergirão, sem a menor dúvida, aos lancinantes agudos da "menina-mulher" Kate Bush, cantorinha inglesa que afamouse aqui no Brasil pela inclusão de *Wuthering Heights* num comercial de cigarro. Prodígio na estréia aos 20 anos, ela, agora com 22, lança mais um LP, *Never For Ever*, onde é a própria produtora, depois de ter-se dedicado a cursos de dança e mímica. A pérola mater do LP é a faixa *Babooshka* (vovozinha, em russo), capaz de empurrar os soviéticos para muito além da cortina de ferro.

29/09/80

TV/Crítica

TV brasileira leva nossa gíria a Angola



TV de Angola exibiu Especial dedicado a Vinicius

Volta e meia recebo notícias, que transcrevo aqui, da notável repercussão alcançada pela televisão e a música do Brasil em Angola. Há poucos meses, integrantes da caravana musical capitaneada por Chico Buarque a convite do Governo angolano, lá realizou cinco **shows**. Desde aquela época nossa música é a mais cotada entre os ouvintes da Rádio Nacional e da TV Popular de Angola, que já levou ao ar inúmeras vezes outro **show** de Chico, gravado em Lisboa, além de outros, como um especial dedicado a Vinicius, logo depois da morte do poeta.

Quanto à televisão, nem se fala. A novela **O Bem Amado** está repetindo o sucesso de **Gabriela**, passada lá há dois anos. Interpreta-se neste sentido a declaração feita semana passada pelo chanceler de Angola no almoço oferecido por Saraiva Guerreiro, na ONU, aos representantes dos países africanos de língua comum com a nossa: "a musicalidade com que os brasileiros falam o português é bem mais aberta do que o som mais cerrado ouvido quando falam os portugueses". Os angolanos, que têm um sotaque intermediário entre o português e o nosso, estão, por influência do rádio e da TV, abraçando cada vez mais a fala e absorvendo nossa gíria. Agora deram para imitar o vocabulário de Odorico Paraguassu: **emboramente**, entre outras palavras, das quais a predileta é **militante**, que serve para tudo, de ladrão a embaixador. Aliás, e Embaixada do Brasil já recebeu diversos pedidos de informação sobre Sucupira, que, na imaginação dos telespectadores angolanos, existe de fato. Ou de brincadeira, como no caso de uma telefonista internacional que, conversando com um dos funcionários da Embaixada, enquanto tentava completar a difícil comunicação via Lisboa com o Brasil, perguntou-lhe de onde vinha. Ele respondeu: de Paris. Ela respondeu: e eu, de Sucupira.

Imagino que a TV Globo esteja cogitando em mandar para lá a série **O Bem Amado**. Porque a novela está para terminar e a tristeza só não atinge os diplomatas que não falam nossa língua e ficam sem ter o que fazer nas noites de quarta-feira e domingo, quando todos os outros confraternizam com a população local, diante do vídeo, vendo a novela de Dias Gomes.

J. NAVARRO

A NOITE É O ESPETÁCULO

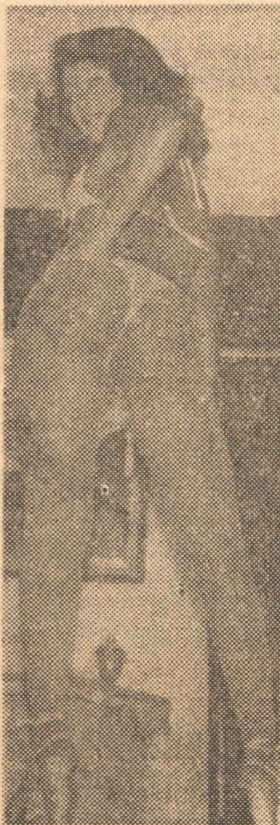
EFE PINTO

NAVALHA NA CARNE
É SUCESSO NO VANUCCI

* Continua fazendo enorme sucesso no Teatro Vanucci, no Shopping Center da Gávea, a obra-prima de Plínio Marcos, "Navalha na Carne". Duas gerações ficaram privadas do conhecimento da peça, mas têm agora oportunidade para conhecer o texto-denúncia do dramaturgo maldito e têm vibrado e aplaudido a brilhante interpretação de Glória Menezes, na prostituta Neusa Sueli, assim como os trabalhos criativos de Roberto Bonfim e Edgard Gurgel Aranha. A peça tem a direção de Odilon Wagner, com cenários de Elifas Andreatto, que no momento expõe com grande sucesso, uma amostra de seu trabalho gráfico na Sala Fumarate. "Navalha na Carne" está de quarta a sexta-feira, às 21,30, sendo que aos sábados vai a cena às 20,30 e aos domingos, às 19,30 e 21,30. As escolas, grupos e associações interessadas em adquirir grande quantidade de ingressos, com desconto e debater o espetáculo, poderão entrar em contato com Edgard Gurgel Aranha, pelos telefones 239-8595 e 274-7246. A produção do espetáculo da Rua Marquês de São Vicente é da Circus Produções Artísticas.

* Duardo Dusek, que ontem apresentou-se no Teatro do Sesc da Tijuca, na Rua Barão de Mesquita, dentro do Projeto Socializarte, estará ainda hoje, às 21 horas repetindo o sucesso de ontem, com ingressos a 100 cruzeiros, pagando os comerciantes apenas 20 cruzeiros.

* Será lançado em outubro, no circuito Luiz Severino Ribeiro, o documentário de longa-metragem "Certas Palavras



Aí você pode apreciar uma das fortes candidatas ao Bumbum-80, mas se quiserem vê-la de perto é só ir ao Katakombe, que a menina Verinha estará mostrando melhor e rebolando para os frequentadores.

Com Chico Burque" realizado por Maurício Baru, cineasta argentino que, antes de se radicar no Brasil há três anos, realizou filmes sobre o trabalho renovador de Astor Piazzola sobre o tradicional "tango" argentino e sobre a história do bandleon, um dos mais típicos instrumentos argentinos. A estrutura de "Certas Palavras..." é basicamente biográfica, com Chico contando sua história desde pequeno quando "com apenas dois anos, sem ter consciência das coisas", como ele mesmo diz, foi levado para São Paulo, onde passaria parte de sua infância. Ele fala, também de suas últimas criações, passando antes por seus envolvimento em movimentos políticos e estudantis, por seu exílio de um ano e meio e por sua tão comentada viagem à Cuba. No filme, além de mostrar, através de suas músicas, toda a sua trajetória como compositor e cantor, Chico conta, também todo o processo criativo que envolveu cada uma de suas composições, no que é ajudado por alguns de seus parceiros e intérpretes como Vinicius de Moraes, Francis Hime, Caetano Veloso, Toquinho, Milton Nascimento, Maria Bethânia, Nara Leão e Cida Moreira. A trilha sonora do filme é composta por vinte e duas músicas que representam as três fases da carreira musical de Chico.

* A comédia de Adail Viana e R. Rocha, "O Homem Que Virou... Homem", continua fazendo enorme sucesso no horário das Seis e Meia, no Teatro Rival, com Carvalhinho, Olívia Pineski, Ri-na Maris, Marcelo Becker e Gumercindo Rocha.

30 / 09 / 80

A exposição do ano

- Quem viu, encantou-se; quem não viu, não sabe o que perdeu.
- Encerra-se hoje no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque a exposição Picasso, que pela beleza, pelo sucesso, pelo volume de público que recebeu está sendo considerada a exposição do ano.
- Afinal, montada durante seis meses, a expo Picasso foi vista por mais de 1 milhão de visitantes.

* * *

- Ao começar a ser desmanchada, a partir de amanhã, é muito pouco provável que volte um dia a ser remontada.
- O custo altíssimo de seu seguro impede não só que ela continue em cartaz como que seja mostrada em outros lugares.

■ ■ ■

À memória de Vinícius

- O grande espetáculo em homenagem a Vinícius de Moraes — Se Todos Fossem Iguais a Você — que subirá à cena no Teatro João Caetano até o fim do ano já tem todos os ingredientes para se tornar um dos maiores sucessos da temporada.
- A começar pela relação de artistas dispostos a dar sua colaboração ao espetáculo e que inclui Tom Jobim, Edu Lobo, Francis Hime, Toquinho, Miúcha, Elizete Cardoso, Nana Caymmi, Clara Nunes, para citar apenas alguns.
- E mais: a direção caberá a Haroldo Costa, entre os apresentadores estão figuras como Tônia Carreiro e Maria Fernanda, a animação ficará por conta do maestro Edson Frederico e a Orquestra Metalúrgica Dragões de Ipanema e no final de tudo a renda da noite reverterá em benefício da Casa dos Artistas.

Túnel da morte

- A escuridão pavorosa, que obriga os motoristas mais prudentes a trafegar a passo de cágado, não é mais a única deficiência a ameaçar diariamente quem passa pelo Túnel Rebouças.
- Some-se agora às trevas o piso defeituoso das pistas, sobretudo na galeria mais extensa que leva da Zona Sul para a Zona Norte.
- Acrescente-se ainda um pouco de água vertida pelos vazamentos existentes no túnel e se terão as condições ideais para grandes derrapagens e monstruosos acidentes, que só não ocorrem com frequência por obra e graça da providência divina.

■ ■ ■

Rumo ao Planalto

- *Um grupo de atores de cinema e TV, salpicado de diretores e produtores, será recebido em audiência, amanhã, em Brasília, pelo Presidente João Figueiredo.*
- *Do grupo fazem parte, entre outros, Sônia Braga, Betty Faria, Tarcísio Meira e José Wilker.*
- *Na pauta, o fogo de barragem ultimamente movido contra o cinema brasileiro.*

MODA DESCONTRAIDA



A diferença é
TREVIRA®

Chelmi
MODA

Por Thaís de Mendonça
Fotos de Isabel Garcia

As ruas do bairro carioca de Ipanema já foram atalhos de areia calma, onde crianças apanhavam pitangas, corriam atrás de pássaros e animais selvagens. Depois que Tom e Vinícius inventaram a garota de Ipanema, o bairro transformou-se numa indústria de comportamentos que já produziu os mitos de Leilla Diniz, de Hugo Bidê e da contracultura. Esse bairro, que no final da década estará com 160 mil habitantes, não tem, no entanto, apenas os mais belos exemplos da anatomia feminina: existem também os garotos de Ipanema, rapazes de tez queimada de sol, *curtindo o visual*, pegando onda em suas pranchas de surfe, conversando na areia, *azarando* as gatinhas, e que se misturam às mães, babás, velhos, vagabundos e cachorrinhos de estimação. A repórter Thaís de Mendonça passou duas semanas entre esses meninos do Rio e faz aqui um relato do comportamento que ditará a moda do próximo verão no país.



OS GAROTOS DE IPANEMA

MAR alucinante. Sol chapado no céu, azul refletido no morro Dois Irmãos. Lá ao fundo, as ilhas Cagarras. Bloco de pedra pintado pelo tempo — e pelas gaivotas —, a mais próxima se encrava solidamente na linha do horizonte. No asfalto, os carros andam sem pressa, que ainda não é hora de trabalhar. Figuras recortadas no ar passam, pés alados, entre o movimento e o horizonte. As ondas, grandes, bojudas, já estão coalhadas de pranchas de surfe. Paisagem de Ipanema, a chamada República Livre de Ipanema, da Garota e da Banda, dos Meninos do Rio e de Leilla Diniz, de Caetano Veloso e de Fernando Gabeira, de Vinícius de Moraes e da ex-Montenegro, compreendida entre os limites geopolíticos do Arpoador e do Jardim de Alá. Sexta-feira.

Talinho foi dormir cedo ontem. Antes de ir para a cama, deu uma olhada na praia, para conferir o bom dia seguinte. E se levanta quando ainda está escuro. Sai sem tomar café, calção vermelho de náilon sobre a carne morena, prancha azul debaixo do braço. Devagar, passos

cadenciados, chutando a areia, o pó fino sob a planta dos pés, caminha até a água. O contato lhe provoca súbito arrepio e é como se todo o corpo se pusesse a postos com a rápida carga de energia. Talinho se agacha, no ritual respeitoso de molhar a prancha. Espalha a água que vem mansa sobre seu dorso com as mãos espalmadas, carinhosamente. Livra-a da areia e dos pequenos bolos de parafina. Do bolso interno do calção, veda a chave da casa e nada além — onde guarda quadrado de parafina nova, rosa e cheiro de Haváí.

Muitas vezes olha o mar. Quando ele aponta no final da rua, verde esmaecido no céu que clareia — o cumprimento. Do outro lado da Vieira Souto, rente aos prédios, distante dele pela larga faixa de concreto, asfalto, palmeiras e finalmente areia, lhe diz: — Como já estão inquisidores, são olhos de quem analisa as armas com que o inimigo se apresenta para a luta. Investiga, percor-

rendo com lentidão a extensão de água e, à medida que suas pupilas se contraem com a luz, cresce seu entusiasmo: — Mar alucinante, do outro mundo.

Talinho fecha o estrepe em volta do tornozelo, envolve a prancha com o braço não tatuado, o esquerdo. A mão direita em concha colhe a água, benta pelo sinal da cruz, e, depois de esfregar os cabelos para tirar o que restou de parafina nos dedos, num movimento rápido desliza sobre a prancha. E se transforma em centauro.

Sexta-feira. Ipanema acorda com as padarias da Rua Visconde de Pirajá, que abrem suas portas às filas de empregadas, dinheiro fechado na mão; com as bancas de jornais e os jornalheiros que contam exemplares e acertam pagamentos; com os velhos que caminham para o calçadão; com os táxis amarelos e os motoristas que desfilam preguiçosamente na Vieira Souto.

Mas a antiga Vila de Ipanema — que não tinha este nome, praia selvagem, imenso areal pontilhado de choupanas toscas — era habitada por pescadores.

Ela surgiu mesmo da idéia do Barão de Ipanema II, Antônio Moreira, Filho, latifundiário de Copacabana, que resolveu abrir ruas e alamedas junto ao mar, nos terrenos além da pedra do Arpoador, dando aos novos logradouros nomes e datas de aniversário de seus parentes. Assim — embora o processo constante de mudança de nomes dos lugares mais familiares de cada cidade seja um costume antigo —, originalmente, uma das principais artérias do bairro, a Visconde de Pirajá, denominava-se Rua Vinte de Novembro, enquanto a atual Rua Vinícius de Moraes, ex-Rua Montenegro, levava a graça ainda de um genro do barão, Manoel de Pinto Montenegro.

O bairro cresceu e da antiga vila de casas baixas evoluiu para residências mais sofisticadas, onde moravam políticos e intelectuais. Sempre absorvendo uma grande porcentagem de população jovem, Ipanema parecia fadada à fama, pelo espírito ousado, pela descontração, pelo ambiente de festa que se presumia perene. Ora, não é de hoje que se

fala na juventude de Ipanema: a casa do escritor Aníbal Machado, nos longínquos anos 50, vivia cheia de cariocas moços, de projetos revolucionários para mudar o mundo, tão próximos dos sonhos dos rapazes e moças que tomariam o Pier e povoariam as dunas artificiais da praia, já nos idos de 68. Desde o início desta década, porém, a região compreendida entre Copacabana e Leblon vinha sendo apontada como responsável por uma nova maneira de viver, uma indústria de comportamentos, uma fábrica de fantasias. E, pela importância que ganhou com o correr do tempo, chegou a se comparar Ipanema, dentro do Rio, a Chelsea, em Londres, Saint-Germain, em Paris, e Greenwich Village, em Nova Iorque. — O lugar onde nasci e moro. Só isto. Ipanema é isto.

Para Luís Carlos, o Talinho, 18 anos, “o bairro não é em nada diferente dos outros. Tem a praia, mas é igual. Todo mundo se conhece, a rapaziada é a mesma de sempre.” Buço sobre o lábio carnudo e bem desenhado, de um tom

róseo que contrasta com a tez queimada de sol, finos pêlos no queixo a prenunciar uma futura barba, Talinho faz supletivo à noite e passa o dia na praia: levanta-se, pega onda, volta para tomar café, pega onda, *malha uma física*, pega onda, conversa na areia, molha-se e chega em casa mais ou menos às duas e meia para o *rango*.

Antigamente, quem preparava o almoço era a mãe, prendas domésticas, separada do marido e com quatro filhos em casa. Da família, o único na batalha era o mais velho. O pai, agente de turismo autônomo — “montado na nota”, segundo confirmam os amigos da praia —, garantia o sustento através de pensão. Talinho e o irmão logo acima dele (20 anos) mantiveram durante longo tempo a saudável profissão de *vagabundos de praia*. Explica-se, *brother*: é o pessoal que trabalha na *Só Ares Marinho*, empresa fictícia encarregada de usufruir do sol e investigar as condições do mar, mão-de-obra selecionada entre os mais belos exemplares masculinos e femininos do local, com disponi-

bilidade absoluta e contrato de exclusividade a serviço de uma filosofia — o bem viver.

Foram dois anos “na flauta”, como diriam os coroas, sem fazer nada, nem estudar. Aí, o cerco apertou, o irmão botou terno, compenetrando-se e foi trabalhar com o pai. Talinho se matriculou no curso noturno. Depois do almoço, volta para a praia. Fica estirado na areia, aonde vão chegando os amigos que estudam de manhã, os que foram *rangar*. Ou se senta num dos bancos do calçadão, de frente para o mar. Só a chuva atrapalha a atividade da Só Ares e seus fiéis funcionários. Dia nublado e sem chuva é praia; quando São Pedro manda ver e depois se arrepende — ou seja, quando chove e pára — também é praia.

Agora, tempo ruim significa não ter nada para fazer, restando a alternativa de descer para o bar na esquina e encontrar a turma. Antes, Talinho se divertia passeando na chuva com os dois cachorros — um pastor e um *pointer* —, mas eles agora estão no sítio, e deixaram de ser companhia mais que constante.

— A areia e a água são as únicas coisas de graça que temos. Por isto, a gente pega onda: areia debaixo do corpo e água por toda a volta.

No intuito de aproveitar estes dons da natureza, o surfista só acha maus os dias de sábado e domingo — “na areia, fica todo mundo espremido, na água tem prancha demais” — e a falta de dinheiro. Talinho não recebe mesada, mas pede grana na medida da necessidade; não gasta roupa; sapatos duram anos — e, na verdade, sapatos nunca, tênis. Aprende a viver com pouco: “Quando pinta uma caranga a gente vai até São Conrado, à praia do Pepino...”

Ipanema terá, daqui a alguns anos — em 1989, segundo a previsão de técnicos em planejamento urbano —, uma população de 154 mil habitantes distribuída em 21 mil domicílios. Se hoje o bairro já ostenta um problema crônico de estacionamento e de tráfego — que, recentemente, as autoridades decidiram atacar, diminuindo as calçadas para comportar vagas de carros exploradas a Cr\$ 20 a hora —, no futuro terá 41 mil automóveis particulares e 90.500 empregos de alta geração de tráfego, responsáveis pela atração de milhares de veículos. Há 210 pequenas indústrias de roupas — as confecções —, 22 centros comerciais e lojas alugadas por somas que às vezes ultrapassam os Cr\$ 170 mil.

A praia é dividida em pontos bem definidos. Colunáveis, intelectuais, manequins, artistas de televisão, cantores, boêmios, pivetes, favelados e gente dos subúrbios se misturam nas areias onde

A areia e a água são de graça. Por isto, a gente pega onda: areia debaixo do corpo e água por toda a volta

parece imperar a democracia e, entretanto, existem classes, castas delineadas por uma espécie de código de costumes, restrito a poucos. Não basta estender a toalha em frente ao Hotel Sol Ipanema, entre as Ruas Joana Angélica e Montevuais de esquerda; ou acomodar a intelectual prancha no canto do Arpoador para ser um menino do Rio.

Para começar, ninguém usa mais toalha. Uma canga feita com um *panô* indiano é muito mais estética e prática, já que cabe pequenininha numa bolsa feita com vela de windsurfe. Sem contar o jargão próprio das elites, que não se adquire da noite para o dia, o sotaque arrastado do carioca, a cor do carioca, o calção do carioca, a tatuagem no braço do carioca — mesmo que ele tenha ido a Mr. Look, em Santos — ou no bumbum da garota, tudo é diferente. Um outro exemplo: o pessoal de Ipanema não leva óleo de bronzear à praia. No máximo, já sai de casa com um nada de creme, leve e transparente, espalhado pelo corpo, pois o melhor é o queimado natural, de sol e água salgada.

Enquanto as barracas escasseiam nas areias ipanemenses — viram marca registrada de Copacabana, recurso próprio a velhos, crianças ou turistas —, as cadeirinhas listradas em azul e branco, reclináveis, se multiplicam.

Carlos Guilherme, 20 anos, estudante de Medicina, e Eduardo Mourão, 19, estudante de Direito, estão, meio sentados, meio deitados, próximos à linha d'água. É sexta-feira, o dia do bairro, o dia do estudante, na praia de Ipanema. Cansados de ir à escola nos outros quatro dias sem tréguas durante a semana, grande parte dos jovens entre

12 e 30 anos resolve prolongar o sábado e o domingo, aproveitando a bela manhã de sol. Praia cheia, nem parece um dia útil, não há vagas nos estacionamentos de beira-mar defronte aos lugares mais concorridos.

— Meu pai não pode me ver com esta cor que me chama logo de vagabundo — confessa Guilherme, envergonhado quando passa pela mãe de um colega seu (que deve estar na faculdade), e brinca: “Estou de férias.” Dá inveja a tonalidade da pele de Guilherme. Um moreno-jambo recobre o peito musculoso, a barriga, a parte interna dos braços, para assumir um semitom acima nas pernas proporcionadas e um marrom forte amulataado nas espáduas brilhantes.

Ele acaba de entrar na faculdade, e o primeiro semestre inteiro passou na praia. “Procurei emprego, tentei vender apólice de seguro, mas tinha pena das pessoas a quem poderia vender. Acabei por aí mesmo, me matriculei num curso intensivo de inglês, praticava remo e era, na verdade, um rato de praia.” De março a julho, Guilherme conviveu com outros ratos — ou vagabundos — como ele (as expressões não possuem conotação pejorativa, mas, ao contrário, são ditas com uma certa admiração, um certo respeito), e observou um fato interessante: nos dois primeiros meses do ano letivo, março e abril, parecia que todo o mundo estava ainda de férias. Muita gente na areia, nada de responsabilidade, só quando as provas e a presença nas cadernetas escolares começavam a virar preocupação é que estes desmotivados estudantes deixavam o ar livre pelas quatro paredes das salas de aula.

— Quem mora aqui não precisa sair do bairro para fazer nada. Guilherme nasceu na Bahia e, do Rio de Janeiro, além da Zona Sul, talvez só conheça o subúrbio da Piedade, onde fica sua faculdade de Medicina. Ele mora ao lado de um asilo, acha dramática a situação da velhice no Brasil — “às vezes paro a conversar com uma velhinha, no Calçadão” —, lê os *best sellers* de Harold Robbins e Arthur Haley, frequenta o ponto defronte ao Sol de Ipanema, mas nunca ouviu falar num moço que lançou a tanga de crochê para homens e publicou dois livros de sucesso: — Fernando Gabeira? Não, nunca ouvi falar.

Ipanema vai assim perdendo seus mitos e fabricando outros. Perdeu Vinícius de Moraes mas ganhou Caetano. Perdeu Leila Diniz, mas ganhou Rose di Primo. Perdeu Hugo Bidé, fundador da Banda de Ipanema, mas mantém Albino Pinheiro. Perdeu o pier mas ganhou o *topless*. Os novos personagens já não ostentam o brilho e a significação dos de

Continua na página 116

uma sugestão da Great Man: amisa em seda, camiseta em malha, cinto em tecido e couro, calça de linho; óculos Di Paolo, da Camarim, e relógio em aço ouro, da Baume & Mercier. Para ela, vestido em anarruga, da Modern Times, e óculos de Lânia & Wolf. Foto 7, óculos solar com lente em degradê, Di Paolo. Foto 8, sandália em couro cru da Bibba-Man.



antes? Certamente o bairro mudou, o Castelinho não é mais o Castelinho, o Veloso virou Garota de Ipanema, o Zeppelin fechou toda uma geração, que se transferiu para o Degrau, no Leblon.

Só os pontos, na praia, permanecem os mesmos, embora a frequência venha se modificando também, em função de modismos e famas. Uma coisa deve ficar bem clara: a praia de Ipanema durante a semana difere do clima que se respira no sábado e domingo. De segunda a quinta, quem ocupa lugar na areia são as mães e suas crias; os velhos e suas petecas; os ratos de praia e suas gatinhas. O primeiro grupo chega às nove e vai embora ao meio-dia; o segundo se deixa ficar até uma da tarde, no máximo, quando o sol não está muito forte. Os surfistas, gatos em geral, na maior parte das vezes acordam às dez e chegam à praia às dez e meia, saindo só quando o sol morre.

Nos fins de semana, Ipanema assume o ar de zona de lazer coletiva, apesar de em algumas áreas a aglomeração ser tão intensa que o lazer vira utopia. A multidão — de pessoas de todos os bairros e dos subúrbios e de turistas de várias partes do mundo — que chega como abelha no mel expulsa os moradores para São Conrado — Pepino, que virou uma espécie de sucursal de Ipanema — e até Barra da Tijuca, à procura de melhores paragens. Aí, nestes dias, funcionam verdadeiramente os pontos, onde as pessoas vão com o objetivo de se encontrar.

O final da praia, defronte ao Country, recebe a gente fina que alterna o banho na piscina do clube com o de água salgada, o que favorece — dizem — o bronzado. Mulheres bonitas e bem cuidadas não abandonam suas jóias, e, se não ousam como as meninas da outra ponta, lançam modas mais sóbrias, como os maiôs de lycra inteiriços, que muitos acham altamente sensuais. Um pouco para a esquerda, na Aníbal de Mendonça, água já menos poluída porque mais afastada do canal do Jardim de Alá, carrinhos se enfileiram na amurada, dando conta de que ali se concentram muitas mães.

Um outro lugar em que as famílias se sentem à vontade — mesmo misturadas aos turistas — é justamente em frente à Joana Angélica. Este ponto apresenta suas peculiaridades. Uma barraca de lona laranja — do tipo que guarda-vidas e policiais costumam usar na praia, aberta sobre quatro estacas — abriga um personagem conhecido: Irineu Paulo de Lima, ou melhor, Pauzinho. Quarenta e um anos, magro, cabelos começando a ficar grisalhos, no trabalho há dez anos como segurança do Caesar Park Hotel — contratado para proteger a área entre



Baby Consuelo foi, durante um tempo, musa dos meninos do Rio.

Garcia d'Ávila e Joana Angélica —, Pauzinho conseguiu alguns trunfos: 1) limpou a praia dos verdadeiros ratos, freqüentadores; 2) afastou o frescobol e os cachorros do local, proibição que, apesar da lei, ninguém faz obedecer; e 3) estabeleceu um clima de confiança, graças aos cuidados e atenções que dispensa principalmente às crianças.

O dia de Irineu começa às seis e às primeiras horas da manhã, ele vem artime de bancários que comparece ali topois, o ex-guarda-vidas do Serviço Marítimo de Salvamento dá uma aula de ginástica para senhoras, instala sua barboim tempo e, segundo explica, carrehoras toma o *breakfast* no hotel. É um café reforçado, porque Pauzinho não evita a moleza de depois do trabalho: talvez até uma congestão, se tiver que realizar um salvamento com o estômago

Rádio coberto com plástico permanentemente ligado, binóculo dentro da ao posto de apoio no segundo andar no Caesar Park, Pauzinho e seus dois auxiliares, Evandro, de 28, e Washington, 24 anos, costumam ser vistos no trecho com o sexo oposto. Nota-se que a baraca vive cheia de mulheres e sempre há uma cadeira espreguiçadeira à disposição de quem chega. Regina, uma gati-alourados, pele bronzada, biquíni preto, corpo bem-feito —, passa muito tempo ao lado de Pauzinho, mas, de no banco contíguo à rede de vôlei. Logo, alguns rapazes se aproximam e com

O guarda-vidas se diz “grande amigo

dos garotos do surfe” — “pessoal muito bacana, a gente tem que tratá-los bem para ser bem tratado” — e afirma mesmo que eles são “excelentes cooperadores”, ajudando na campanha contra os ladrões de praia e segurando afogados na água até a chegada do socorro. Pauzinho — que ganhou o apelido porque sempre foi o responsável pelos paus de rede na Joana Angélica —, não gosta, entretanto, de ver a amiga na companhia dos surfistas. Ele a chama primeiro com a mão. Ela não o atende. Fala seu nome e a menina caminha a contragosto.

— Fica por aqui — pede —, lá está muito tumultuado.

Lá na calçada aponta uma pessoa conhecida. É uma mulher com um cachorro. O corpo da mulher é seguido por alguns pares de olhos à medida que caminha, quadris balouçantes, por sobre a areia. Quando chega ao grupo, já o cachorro se adianta, cheirando seus semelhantes. A mulher tira os óculos e se revela: Rose di Primo beija os amigos na boca e as amigas, nas faces.

Mário Toledo, violinista clássico e integrante do conjunto Lábios Calientes nas horas vagas; Beto Moraes, fazendeiro de gado em Pirai, interior do Estado do Rio; Ricardo, desenhista autônomo; Sérgio Augusto, o Alfinete — “sou fino e tenho cabeça” —, escritor, artista gráfico e ginete; Pelé, discotecário do Noites Cariocas, do Nelson Mota, no Morro da Urca; Alexandre, médico da Marinha; uma desconhecida atriz de TV; uma professora de patinação e um organizador de campeonatos de surfe; duas estudantes; uma manequim. O que une pessoas tão diversas num só grupo?

Mário aproveita o tempo antes da aula particular que deverá dar aqui a pouco. Beto faz questão de passar 15 dias na fazenda, 15 no Rio: “O dinheiro que ganho dá para pagar a minha praia aqui no Arpoador.” Ricardo trabalhou duro desde as 4h30min da manhã e à tarde resolveu pegar um solzinho. Alexandre

deu um pau — ou seja, dobrou o plantão — e veio direto. Sérgio: “Fui falar com um cara, ele disse que tinha de sair porque a mãe ia amputar a perna, minha cabeça esquentou e eu pensei pra mim — sai daí, pô. Praia!”

E o Zé Carioca? E Juca? Juca, Adônis do Arpoador, ex-surfista, ex-vagabundo de praia, fala com orgulho não disfarçado de sua nova função: organizador de eventos. Organiza campeonatos de patins, desfiles de moda. Recém-saído de um namoro longo, traz seu livro de cabeceira no momento, à praia: *Cabeça de Negro*, de Paulo Francis. E comenta que não está em fase de *azarar* (paquerar), que não veio à praia para ficar *azarado*, mas quer a sua vida livre e disponível por uns tempos. Assim, pode se lançar *total* no trabalho ou, se pintar, aceitar na hora um convite para passar o fim de semana em Búzios: “Tou indo.”

Zé Carioca se esmera na barra fixa. Pernas curtas e tronco largo, excessivamente musculoso, cabelos queimados de sol, tatuagem no braço, formado em Educação Física, 25 anos, Zé mora com a tia em Copacabana — “é ela a mulher que me sustenta” — e se recusa a aceitar subempregos em academias de ginástica ou “coleginhos”:

— Em vez de ficar fechado horas numa academia, eu venho à praia, não é mesmo?

Para ajudar nas despesas, ele faz pequenos trabalhos, principalmente à noite. Com isto, fatura uma nota, mas começa a se preocupar com o futuro. Reflete sobre suas possibilidades dentro da Educação Física, considera a trajetória de professor árdua demais.

No Arpoador é que as coisas acontecem. Os festivais de surfe sempre acabam aí. Moraes Moreira, A Cor do Som, Pepeu e Baby Consuelo já se apresentaram pro pessoal, a ponta da praia de Ipanema — hoje liberada pelo Forte de Copacabana — está em constante ebulição. O movimento começa às primeiras horas da manhã, com os surfistas, e de 10h30min às 16h a areia está cheia de pranchas espetadas, cadeiras de listras, cangas, frescobol e dezenas de cachorros. O cachorro é o melhor amigo do surfista e da gatinha. Ele é desculpa e motivação para sair e dar uma volta, assunto de conversa ou mesmo abordagem inicial.

Aparentemente desligados do mundo, os jovens estirados na areia conversam sobre um filme visto na televisão, o último em cartaz; sobre a vida dos *limõezinhos* — os homens que vendem limão e mate na areia —, o *topless*. Quanto a este, a maioria o vê extinto em Ipanema. “Suburbano deu em cima, gatinha se arrepiou toda. Não há quem se

Em vez de ficar horas fechado numa academia, eu venho à praia, não é mesmo?

gure a barra.” De vez em quando, alguém chama a atenção para o mar e se pode ver um surfista cavalcando a prancha em cima de uma onda comprida, que vem arrebentar quase na areia. As meninas conversam sobre a escola, sobre a última festa ou a tarde passada no Roller, e os rapazes, sobre cachorro e surfe.

Às 15h30min muitos já foram embora. No calçadão forma-se agora um novo grupo. Cabelos molhados e penteados, cara de banho tomado, a turma se engrossa com estudantes que voltam das aulas. Ao mesmo tempo, o asfalto traz novos carros, muitos com placas de outros estados, conversíveis levando senhores de meia-idade e mocinhas enfeitadas, motos.

Quanto mais se aproximam as 18 horas, mais se adensa o movimento com solitários motoristas, homens e mulheres que dirigem, um olho na pista, outro nas pessoas à volta. Já chegam os patinadores, famílias e crianças que vêm aproveitar as últimas horas do dia no Parque Garota de Ipanema, ali mesmo, defronte ao mar. E, enquanto estes ocupam as partes mais baixas do terreno do antigo forte — o rince redondo de patinação e os brinquedos do *playground* —, os jovens sobem a pedra pela trilha calçada e se sentam em vários ângulos defronte ao mar, para curtir o visual.

O sol morre para os lados do morro Dois Irmãos. Ainda há surfistas na água, mas Kico e Moisés brincam de jogar capoeira no asfalto da Avenida Francisco Bhering. De propósito, Kico parou seu carro — uma Belina cor de vinho velha e descorada — enviesado, o que forma um espaço para as evoluções e o ajuntamento da rapaziada. Tatu-

gem de um sol, com o símbolo hindu OM ao centro, ele nasceu naquela ponta (indica o Leblon, encosta do Dois Irmãos) e veio morar nesta (o Arpoador). Diz que é artista plástico — trabalha com fibra de vidro, fazendo abajures, mesas, cadeiras — e organizador de campeonatos de surfe.

— Em novembro — anuncia — vai comer firme uma competição nacional: é o II Grand Prix de Surf Brasil, aqui no Arpoador.

Kico é o típico malandro, versão Ipanema: cor morena, corpo proporcionado, olhar expressivo, andar cambaleante, mãos e pés grandes, plantados no chão. Fala e ri com a boca muito aberta, o sorriso sempre pronto. Os gestos espalmados, grandiloquentes, brinca com os amigos tocando-os, dando-lhes tapas sonoros nas costas, aplicando rasteiras, de que eles procuram se esquivar com jogos de corpo. Um inexplicável balé se encena de repente, com todo o grupo se movimentando, uns tentando acertar os outros, fazendo sons de prazer. Eles se apresentam pelos apelidos:

— Este aqui é o Negão, o Black, o príncipe das domésticas. — Paulo Jorge, 17 anos, negro alto, surfista e estudante da Escola Americana, tem uma reação de timidez, retrai-se um pouco e a seguir devolve a gozação.

— Conhece o Betinho, a mocinha do Arpoador? Olha só a cara dela, que gracinha! Betinho é realmente bonito, cabelos de um louro-claro, olhos muito azuis, sorriso faceiro que lhe salienta as maçãs do rosto, físico alongado de surfista adolescente. Apesar do vento que começa a soprar, ele veste apenas o calção de náilon e não dá sinais de frio.

— Leão-de-chácara de baile infantil, Tarzã de árvore de natal, alpinista de meio-fio, quem é? O Moisés Levi, moreno forte que, hoje, com 19 anos, vagabundo de praia, reclama da vida:

— Eu posso ser um bom surfista, mas preciso de um patrocinador. Minha mãe anda apertando meus calos, meu pai se mandou e nos deixou na pior. Quando eu era menor, vacilei no estudo porque era fissurado em pegar onda e agora estou aí que não arrumo nada — quase chora, a língua presa engrumilhando as palavras.

— Ian, Lourão, possui um lugar de respeito na turma: acaba de chegar de Bali, “lugar das melhores ondas”, onde se classificou no campeonato e lavrou alguns tentos a favor de seu patrocinador, uma boutique de Ipanema. De volta ao Rio, Ian inventa artifícios para *descolar nota* — oferece um *panô* de Bali, quer vender fotos e uma reportagem — e fala eufórico sobre o fundo de coral e fala eufórico sobre o fundo de coral dos mares indios, as ondas-tubo “por

BOA VIAGEM RUMO À UNIVERSIDADE

Se você não quer correr riscos neste Vestibular, conheça o PROGRAMA OFICIAL da Cesgranrio para 1981. Que tem o texto oficial com as novas regras do jogo, mais as provas e o gabarito certo de 1980. Peça-o à Bloch Educação. E teste seus conhecimentos. A chegada à Universidade só depende de você.



**PROGRAMA
VESTIBULAR
81**

TEXTO OFICIAL DA CESGRANRIO
PROVAS DE 80 COM GABARITO OFICIAL

**PROGRAMA
VESTIBULAR 81**

Um lançamento BLOCH EDUCAÇÃO nas livrarias e bancas

Desejo receber o livro N.º 600.402.01 — PROGRAMA VESTIBULAR 81, livre de quaisquer despesas postais. Anexo vale postal ou cheque nominal a BLOCH EDITORES S.A., no valor de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros).

EE-137

Nome
Endereço
Bairro ZC CEP
Cidade Estado

BLOCH EDITORES S.A.
Rua do Russell, 804 — 5.º andar
CEP 22210
Rio de Janeiro — RJ.

onde se penetra através de cavernas". Sério, nervoso por algo que sobressai em seu tom de voz quase agressivo, ele faz questão de dizer, sem explicar:

— Tem gente morrendo de fome, pohna aí que tem gente morrendo de fome. A inflação tá demais.

Mar flat (sem ondas, feito uma lagoa), a praia se enche de crianças e os surfistas se recolhem à calçada, à areia. Se são quatro os lugares procurados para pegar onda — o Leblon, a Maria Quitéria, o Arpoador e a Praia do Diabo —, outros pontos, além da Montenegro, não apresentam presenças muito definidas, a não ser ali, onde desemboca a Rua Francisco Otaviano trazendo os passageiros de ônibus de outros bairros, os homossexuais e prostitutas do final de Copacabana. Assim, o Castelinho vira lugar de pegação dos gays, numa versão diurna da Galeria Alaska. Por perto também se localizam os favelados dos morros do Pavãozinho e Galo, mas a frequência vai ficando cada vez mais selecionada à medida que se caminha na direção do Arpoador.

A tarde se adianta, casais de namorados de mãos dadas vêm passear ao longo da Avenida Francisco Bhering, tendo o mar pela direita. O volume de tráfego chega às vezes a engarrafar a pista, pois os motoristas, habitués do Arpoador, param para conversar e cumprimentar os amigos, saltam dos carros ou estacionam de qualquer maneira. Um ou outro paulista, escape aberto, vem em velocidade, fazendo barulho e assustando os pedestres e os patinadores que, com *headphones* ajustados aos ouvidos, dançam ao som de sua própria música. O infrator recebe as vaias da turma da praia, que reivindica um quebra-molas no local.

Um rapazinho magro, cabelos aparados, pasta preta na mão, se aproxima pelos lados da Francisco Otaviano pelo meio da rua. Calça clara de veludo, camisa xadrez de mangas compridas, botinhas, ele não parece nada à vontade em sua vestimenta.

— *Chegai, ó, sofredor!* — grita alguém de longe.

Rafael se aproxima devagar, timidamente, e, antes que consiga superar os poucos metros que o separa da turma, um dos amigos lhe arrebatou a pasta que passa logo de mão em mão e é vasculhada, apalpada, remexida. Convidado a se sentar no meio-fio ao lado dos outros, Rafa hesita, com medo de sujar a calça. Surfista, ele saiu de casa para cumprir a sua primeira tarefa como membro do sistema: vai percorrer muitos e muitos domicílios, fazer perguntas, tomar notas e depois receber uns Cr\$ 20 mil como recenseador.

— Você dá aquele sorriso, que nem

na televisão? — querem saber. — Quantas casas você vai visitar, onde é o setor? Acuado, Rafael, 18 anos, fica meio perdido entre tantas perguntas, mas não deixa de se mostrar solícito, explicando com paciência o que aprendeu no cursinho preparatório do Censo.

Um ruído forte de motor acelerando, Zica e Néelson desligam as motos. Roupas na moda, pulôver amarrado deslucidamente sobre os ombros, óculos escuros, bolsas, o cuidado com cada detalhe os faz destoar daquele grupo alegre e descontraído do qual já fizeram parte. "As coisas vão passando", frisa José Roberto, o Zica, 22 anos, que "pegava onda nas antigas" e agora reconhece que já passou para uma outra fase. Quanto a Néelson, *ex-playboy* do Country Club, família rica, 27, formou-se em Engenharia e hoje divide um escritório particular com um amigo arquiteto. Zica hoje estuda Comunicação e trabalha como vendedor numa boutique feminina, para onde Néelson também realiza serviços.

Lutadores de caratê e judô, jogadores de futebol, surfistas sempre, professores de Educação Física, no final de um dia de trabalho não deixam de dar uma chegada à ponta do Arpoador. Vem Jack, José Eduardo, que curou uma dor lombar se auto-aplicando um *jo-rei*; vem Duda, chapéu de marinheiro desenhado com tridente e cruz-de-malta, luvas de couro e óculos escuros sobre uma barba cerrada, numa moto negra. Garotas desfilam de minissaia, sandálias de plástico e meias soquetes no calçado, muitas se chegam aos grupos de rapazes, sentam-se junto deles no meio-fio. Levando seus cachorrinhos pela coleira, elas podem ser vistas também subindo as pedras, de mãos dadas com um ou outro surfista.

Duas, três, quatro adolescentes acomodam-se nos bancos com seus cadernos abertos sobre os joelhos e copiam letras de música. Acima de 18 anos, elas já chegam dirigindo seus carros do ano, Chevettes e Fiats, limpos e lustrosos.

— Se mulher fosse petróleo, Ipanema seria a Arábia Saudita do Brasil — sentenciava Kico, observando que os rapazes que moram em Ipanema só podem transar mesmo com garotas de Ipanema:

— Elas têm um jeitinho especial, um *tcham* (imita o andar jeitoso das gatinhas), sabem se vestir, sabem conversar, são liberadas. Não dá para agüentar as outras.

Elas estão por ali, no ritual antigo do *footing* à beira-mar, onde encontram seus gatinhos. Quando começa a escurer, os grupos retornam novamente para a areia, traficantes circulam, casais se encostam à amurada e as pedras susurraram.

Relax internacional. Mas com todo o veneno brasileiro.



O novo Relax Center da rua Estados Unidos é bonito como os americanos, discreto como os ingleses. Mas o veneno brasileiro está lá, com "hostesses" e massagistas que não estão no mapa...

As suítes de massagem relax têm: colchões em nichos ao estilo tailandês, mini-piscinas, iluminação especial, ambiente climatizado, telefonia KS e som, tudo comandado por um painel de controles no próprio nicho!

A decoração é em estilo colonial, com muita madeira nobre. Discreta. Como discreto é também o estacionamento interno...

Rede **Relax Center**

- R. Estados Unidos, 1181 e Pça. Roosevelt, 47 (esq. Augusta). Hor.: das 10 às 2 da manhã. Aberto inclusive aos domingos.
 - R. Pires da Mota, 494 (esq. Acimação) e Av. Pompeia, 1042. Hor.: das 12 à 1 da manhã.
- Estac. c/ manobristas. Aceitamos todos os Cartões de Crédito.

VEICULO Blau Boy CIDADE Rio de Janeiro
 ESTADO Rio de Janeiro DATA 11/02/80
 COLUNISTA _____

VINICIUS DÁ SAMBA
 Ninguém se surpreenda se, já no próximo carnaval, pelo menos uma escola de samba carioca apresentar enredo baseado na vida e na obra de Vinicius de Moraes. Caso não haja tempo de o poeta virar samba agora, duas escolas pretendem sair de Vinicius em 82: Beija-Flor e Salgueiro.

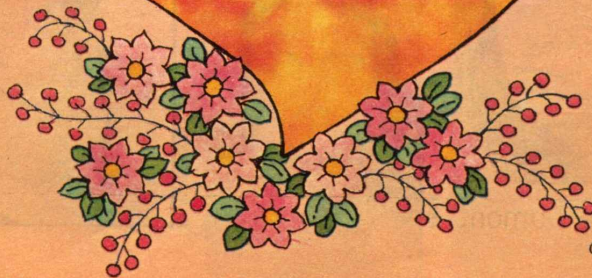
no

217

№ 76 / 09 / 80
CARICIA

Amar é...

Você quer saber o que seu artista preferido pensa do amor? Então, vire a página e veja se a opinião dele confere com a sua



THREE LIONS
LOURIVAL VIEGAS



Caricia — 47

Vicinus de Moraes

Amar é...

Já dizia o saudoso poeta Vinicius de Moraes que amar é "o fio da navalha, é um risco, um sofrimento sem escapatória. Mas é tudo..." Para Lucélia Santos, amar é "fundamental" (ela confessa estar plagiando o mesmo poeta); para Vera Fischer é "viver em estado de graça". E para os outros astros, que estão no auge do sucesso, o que significa o amor? Daqui pra frente você vai tirar as suas conclusões sobre o que os seus ídolos pensam deste sentimento que você tanto conhece!

Denise Dumont
Amar é ter muita confiança no ser amado. É estar alimentado com a essência da vida: o amor.

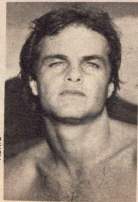
Fábio Júnior
Amar é ter a capaci-

Fábio Júnior



ABRIL

Kadu Moliterno



ABRIL

Denise Dumont

48 — Carícia

dade de estar disponível para a vida. Seja na vida interior, no trabalho, na rotina do dia-a-dia...

Kadu Moliterno
Amar é sentir a pureza de gostar de alguém de maneira incontrolável. É uma emoção que consegue ser, a um só tempo, simples e complicada.

Guilherme Arantes
Amar é uma sensação que acontece na vida da gente e em que nada consegue interferir. O amor,

Guilherme Arantes



PAULO MASCONELOS

como tudo que é verdadeiro, não depende só da nossa vontade, do nosso tempo, do nosso trabalho...

Miriam Rios
Amar é não encontrar palavras para definir o amor.

Nadia Lippi
Amar é a resposta que você recebe de uma outra pessoa a toda hora, a todo instante. É o que a pessoa amada te dá.

Armando Bogus
Para mim, amar é fundamental no ato de viver! É achar a felicidade.

Vera Fischer
Amar é viver em estado de graça ao lado de quem a gente ama e convive. É estar flutuando, mesmo com os pés fincados no chão!

Ney Latorraca
Amar é tentar acabar com a violência, com o ódio. É viver aquele sentimento que nos une à mulher amada, aos

amigos, ao trabalho, aos parentes e até mesmo à política. É vivendo este sentimento que você pode mudar uma cabeça, uma nação, um mundo. E até ganhar uma guerra. O sexo também tem que ser vivido com muito amor. Amor alegre, sem rancores. A gente pode amar uma pessoa sem ao menos conhecê-la. É quando a gente olha pela janela do carro e sente que se apaixonou por um alguém que a gente nunca mais vai ver. Amor é isso. Tudo isso e mais uma flor, um beijo,

um flerte, um cheiro querido!

Glória Pires
Amar é ter dificuldade em explicar o amor, que é um sentimento feito apenas para vivenciar e nunca para definir.

Edson Celulari



ABRIL

Tony Ramos



JOEL MAIA

Glória Pires



Edson Celulari

Amar é trocar aqui-
lo que há de mais
profundo nos seres
humanos: a vida. O
amor é o combusti-
vel de que todos nós
precisamos para so-
breviver, principal-
mente nestes dias
em que está cada
vez mais difícil dar e
receber esta emoção.

Tony Ramos

Amar é começar o
dia ao lado da pes-
soa amada. É saber
ouvir, saber olhar
olho no olho. E, co-
mo conceito sexual,
não é só a carne. É
muito mais do que
isso.

Mário Cardoso



ARVALDO SILVA

Mário Cardoso

Amar é tudo que
não tem dia, nem
hora marcada. É a
sinceridade, o enten-
dimento maior entre
duas pessoas. Amar
é ter liberdade para
sentir todas as emo-
ções.

Lucélia Santos



JOEL MALA

Ney Latorraca



GILSON BARRETO

Lucélia Santos

Amar é, plagiando o
Vinicius de Moraes,
fundamental. E pa-
ra que definir o
amor se o mais im-
portante é senti-lo?

Tetê Pritzel

Amar é um estado
de graça. E este
estado acontece
quando o coração
dispara, a voz falha
e as mãos suam frio,
quando a gente se
depara com a pessoa
amada.

Iris Nascimento

Amar é essencial
para viver. Se tiver-
mos um amor dentro
de nossa alma, sere-
mos sempre felizes.
Amar é desejar tudo
de bom à pessoa
amada, é estar ao
lado dela nas horas
mais tristes...

Elida L'Astorina

Amar é uma troca
de energia muito
grande entre duas
pessoas. É olhar
olho no olho e sentir
aquela onda quente
que une duas pessoas
sem que, ao me-
nos, elas se toquem.
Esse é o verdadeiro

amor entre um ho-
mem e uma mulher!

Carlinhos Vergueiro

Amar é, acima de
tudo, conquistar.
Existem vários tipos
de amor, mas um
ponto em comum é o
da conquista. Amar
é batalhar pela pre-
servação do ser
amado, por um esta-
do de coisas que nos
satisfaz plenamente!

Erasmus Carlos

Para mim, amar é
dar sem esperar re-
ceber nada em troca.
E a gente só conse-
gue isso quando o
amor é pleno, total e



ADALBERTO DINIZ

Iris Nascimento

absoluto. E isso eu
sinto só por Deus.

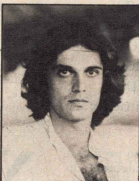
Fábio Massimo

Para mim, amar é
viver a sensação de
plenitude.

Fernando Eiras

Para mim, amar é

Carlinhos Vergueiro



WILSON MONTENEGRO

Erasmus Carlos



GILSON BARRETO

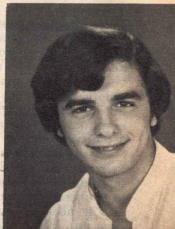
não tentar definir
este sentimento.

Walter Franco

Amar é ter a sensa-
ção de que não se
cabe dentro de si
mesmo. A mais curta
e mais fiel defini-
ção de amor que
consigo achar é essa:
amor é liberdade.

Fátima Guedes

Amar é sair do
egoísmo em que está
metido o mundo. O
amor é um senti-
mento tão forte
quanto a gente, e
com o qual a gente
vai aprendendo a
conviver.



ABRIL

Fábio Massimo

217c

JORGINHO DO IMPÉRIO

Festa do preto forro



VEICULO Fluminense CIDADE Rio de Janeiro
 ESTADO RJ DATA 10.2 / 09 / 80
 COLUNISTA

Ele nasceu com o micróbio do samba no sangue. Em seu coração habitam, em perfeita harmonia, o cavaco, cuíca, pandeiro, surdo, reco-reco, tamborim e agogô. O balanço de seu samba é puro molho brasileiro, que transborda de negritude. Com seu som, ele dá um toque na poeira de nossos pés, mexe e remexe nossa alma, varre a paisagem carioca e brasileira.

JORGINHO DO IMPÉRIO

quer ver todo mundo sambando em sua FESTA DO PRETO FORRO. Um disco que é realmente uma festa de composições alegres, bem-humoradas, soltas. Samba-enredo, partido

alto, samba de terreiro - acima de tudo, samba. Samba que o artista vai buscar nas rodas do povo e o povo canta junto com o artista.

Um lançamento CBS.

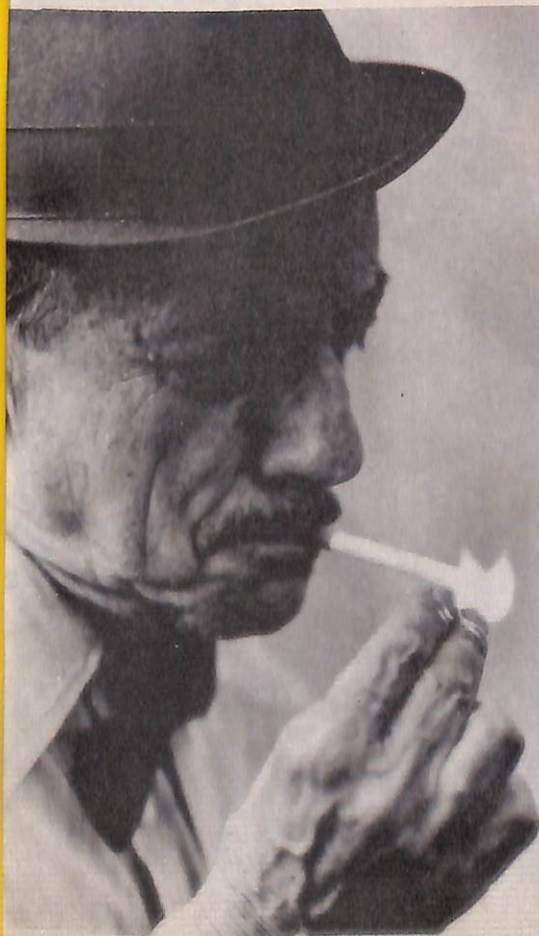
ADONIRAN,

SEM RETOQUES

C. Langarotti



PLAYMEN



Conheci o Adoniran num escritorzinho que a gravadora Odeon mantinha na rua Bento Freitas. Eram só dois funcionários, que aguardavam os malotes, distribuíam o material vindo da matriz e recolhiam outros tantos volumes para despachar de volta. Eu costumava passar lá e apanhar os lançamentos do mês, para fazer minhas críticas. E sempre encontrava o Adoniran, parado, ouvindo o papo dos outros, cochilando. Às vezes o pessoal saía e deixava o Adoniran tomando conta. E ele pacientemente esperava que alguém voltasse.

Esse escritório fechou, quando a Odeon abriu uma representação à altura em São Paulo. Mas Adoniran continuou tendo seu itinerário particular, que cumpre com a pontualidade de um empregado-modelo. Passar a manhã na rádio Eldorado, até a hora do almoço. Sair para almoçar com qualquer conhecido de lá, talvez o amigo Nogueira, um divulgador. Ficar meio triste quando todo mundo está com algum compromisso e ele tem que ir comer sozinho. Mas disfarçar, recusar se aparece o convite de um "estranho". (Meu caso. Ele balançou a cabeça e disse: "Eu vou sair por aí, na direção do Arouche. Não sei nem se vou almoçar ou comer um sanduíche. Fica para outra vez.") Comparecer todas as tardes no La Barca, um boteco onde espera encontrar outro amigo, o Talismã, líder do conjunto que atualmente o acompanha. E assim por diante.

Lembro-me do meu sogro, notívago e bom papo, que sempre sonhava com o que ia fazer quando se aposentasse: pescar, passear, comprar uma granja e plantar sua horta, assistir aos filmes de TV que passam à meia-noite. Afinal chegou o dia. E na manhã seguinte, lá estava ele de novo na repartição, no horário de sempre, para "bater uma caixa" com os amigos e ir junto para o bar. Nada mudou. Até hoje.



**Você acha
que eu estou
com um
pé na cova?**

As homenagens programadas para a comemoração de seu 70.º aniversário desconcertaram Adoniran, que chegou até a dizer que não as merecia, "afinal não sou nenhum João Paulo 2.º, nenhum Chaplin ou presidente da república" E, de qualquer forma, não serviram para compensar anos e anos de esquecimento. Homem às antigas, Adoniran ainda não se habituou a virar notícia apenas em tempo de efeméride. Cansou-se de dar entrevistas, "o que mais posso dizer da minha vida? Já disse tudo, para todo o mundo!". E não conseguiu conter o desabafo de quem teve de lutar demais para obter um reconhecimento tardio e meio superficial: "Por que não me procuraram há vinte anos atrás?".

Mas em geral esforça-se para corresponder ao clima festivo. Pergunto-lhe se ainda espera alguma coisa da vida. "Por que, você acha que eu estou com um pé na cova?" Explico melhor: faltalhe realizar algum sonho, uma grande meta? Af ele dá um sorriso e mostra que continua atento ao linguajar das ruas. Sabe até a gíria da menina-da: "O que vier, eu traço. Tudo bem!"



**"Um Boêmio
pobre.
Filante.
Bicão"**

Efeméride é a palavra-chave. Era preciso comemorar condignamente os 70 anos de Adoniran, nem que para isso se-lhe romantizasse o passado, transformando-o numa

imagem ao gosto do público de agora. E já que o folclore paulistano nem de longe se compara ao da Lapa carioca ou de Vila Isabel, que tal promover Adoniran a algo assim como o estereótipo do boêmio do Bexiga?

Com um pouco de boa vontade e -puxando por sua veia saudosista, conseguiram extrair de Adoniran declarações na medida para colocá-lo dentro do figurino pretendido: "Fui na Bela Vista procurar o Bexiga e não achei. Antes o pessoal sentava na calçada,

agora as coisas por lá andam muito diferentes, cheias de viaduto; o Brás eu também não encontrei, as casas baixas foram embora; a Rangel Pestana também não está mais lá; o Largo da Concórdia ficou cheio de banquinhas de camelô; a Celso Garcia, onde havia o melhor carnaval do Brás, também já não existe. No Belém não achei o Largo São José com seus casarões e suas árvores. Nem a Lapa, onde não há nem sinal da calma de bairro de antes. O Largo da Sé acho que venderam." (JT,

9/8/80) A matéria fala também de suas saudades de um bar "boêmio" da Av. São João e de um bonde "boêmio" que rodava a noite inteira.

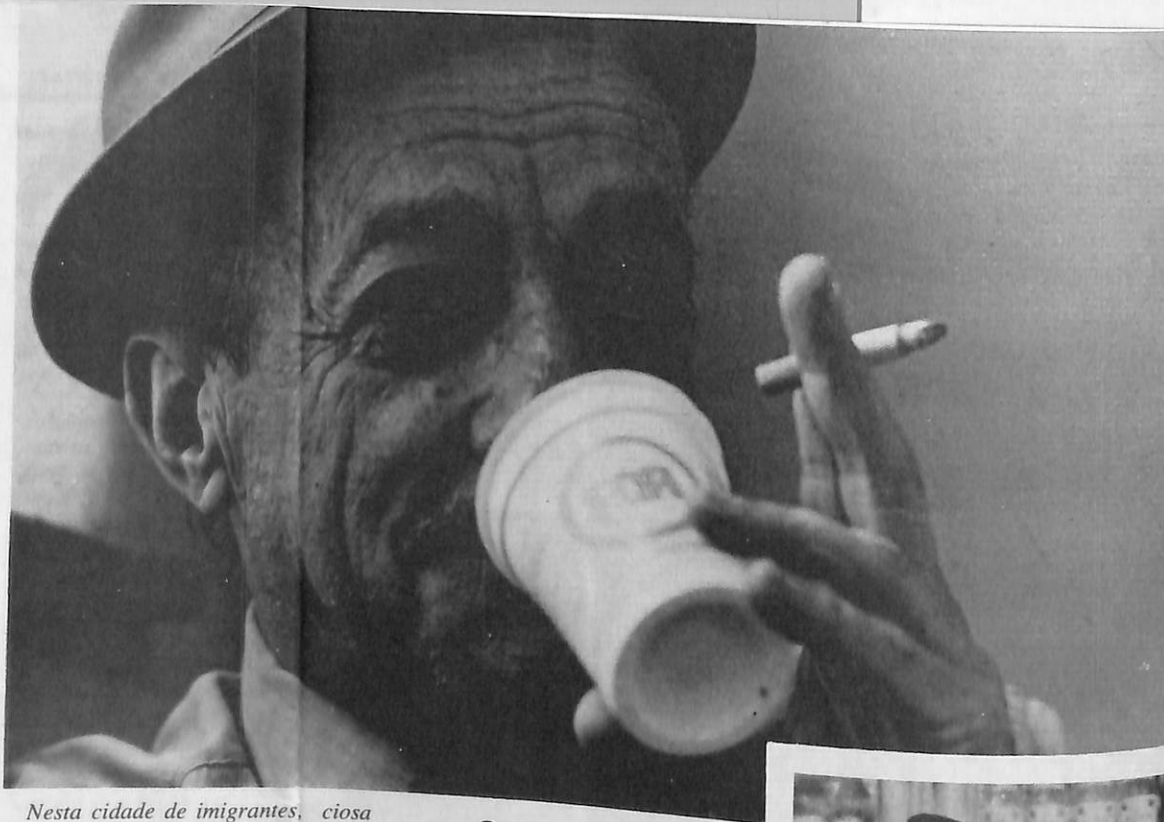
Adoniran, você foi mesmo esse boêmio que estão pintando? "Fui mas é um boêmio pobre, que ia de bar em bar, de boteco em boteco, sem dinheiro, filando bebidas dos amigos. Um boêmio bicão."



**"Só de
samba
ninguém
vivia"**

Adoniran era capaz de registrar impressões acerca da cidade com alma de artista. É o grande cronista de São Paulo. Mas suas andanças não foram despreocupadas como as dos sambistas cariocas e sua história está longe de ser a de um boêmio. Mesmo porque seu amor pela cidade não era correspondido: ela rejeitava seu samba, só queria saber de serenatas, valsas, modinhas, boleros e tangos.





Nesta cidade de imigrantes, ciosa de suas raízes culturais alienígenas, não havia espaço para os ritmos, costumes e tradições realmente brasileiros. Adoniran testemunha: "Só de samba ninguém vivia, em São Paulo. Era pouquíssimo executado. Os sambistas daqui, como a Isaura Garcia e o Vassourinha, eram obrigados a ir lá no Rio e gravar composições de autores cariocas." Daí seu orgulho em ter sido o grande divulgador do samba paulista, "não o iniciador, porque já existiam o Raul Torres, o Nestor Amaral, o Cacique. Mas o Rio só veio a saber que se fazia samba em São Paulo quando os meus entraram lá. E aí a coisa se estendeu para todo o Brasil."

Até que chegasse esse reconhecimento (e mesmo depois dele), a vida de Adoniran foi tipicamente paulista, mas num aspecto pouco romântico e que as matérias louvaminhas esqueceram de registrar: o trabalho. Carreira sacrificada, árdua, difícil. E não foi por acaso que o pão nosso saiu quase sempre de suas atuações como rádio-afor e não da música. O clássico Trem das Onze, por exemplo, não veio de impressões deixadas por agradáveis noitadas boêmias, mas sim de observações feitas quando ia ao Circo do Batista, lá no Jaçanã, interpretar ao vivo os tipos que faziam sucesso no programa de rádio História das Malocas. "Aliás, o trem nunca foi das onze; era das oito, eu me lembro muito bem".



"Não Parava Em Emprego Nenhum"

Adoniran Barbosa na verdade é João Rubinato, um dos seis filhos (três homens e três mulheres) de um casal italiano que se estabeleceu em Valinhos. Tinha catorze anos quando o pai, empregado em olarias, descobriu que seria rendoso trabalhar perto da capital, onde, de quebra, os filhos homens também encontrariam colocação. Assim, em 1924 a família se mudou para Santo André.

Adoniran tem boas lembranças da infância, "pobrinha mas tranqüila. Uma infância comum. Não miserável. Tinha tudo. Boa comidinha em casa. Com minha mãe, meu pai, tudo." Fez até o terceiro ano primário, entregou marmitas. Já em São Paulo, passou por uma variedade enorme de empregos, sem se dar bem. Foi operário de fábrica de tecidos, serralheiro, pintor de parede, ferragista, encanador, balconista, metalúrgico, garçom. "Não parava em emprego nenhum. Fui tanta coisa que nem me lembro."

Nas horas de folga, gostava de assistir aos ensaios das bandas de música. Até que um dia faltou o tocador de



caixa e ele se ofereceu para substituir. "Isso lá por 1926, 28, mais ou menos. Então eu gostei tanto da coisa que comecei a estudar música. Comprei um flautim, passei a tocar o danadinho também."



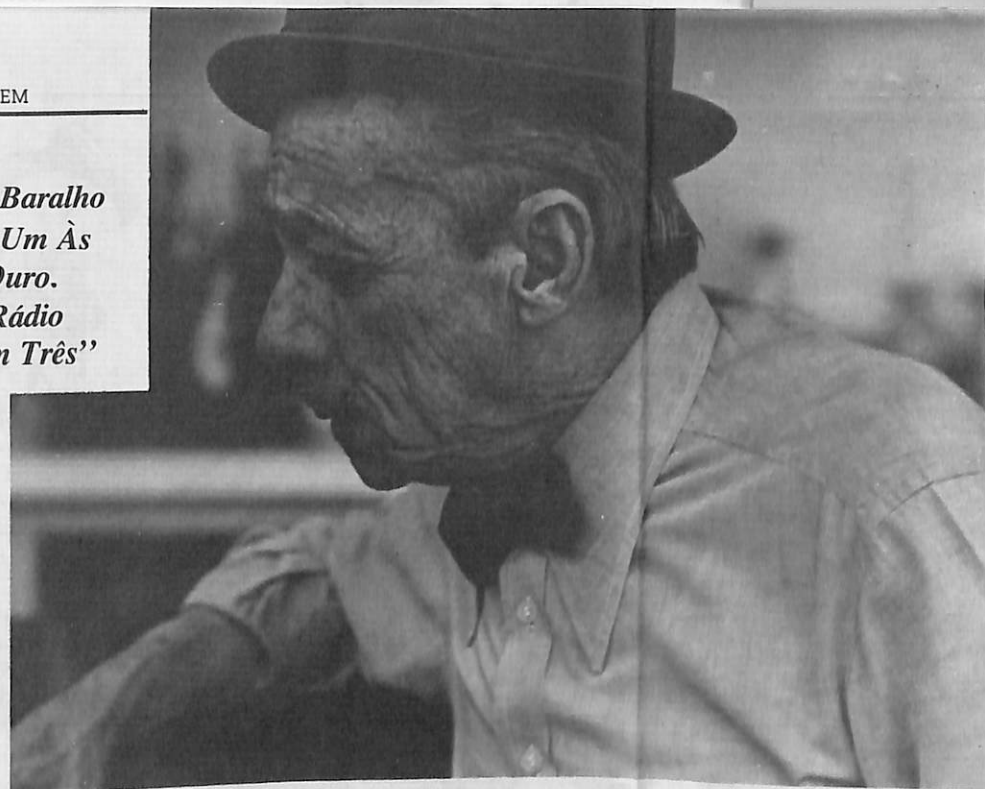
"No Baralho Tem Um Às De Ouro. Na Rádio São Paulo Tem Três"

Em 1932, ele veio morar sózinho em São Paulo. Logo começou a freqüentar as rádios, cantando sambas em programas de calouros. No do animador Jorge Amaral, na rádio Cruzeiro do Sul, ganhou um primeiro prêmio, interpretando "Filosofia", de Noel Rosa, apropriada para sua voz rouquenha. Recebeu 25 mil réis e um contrato, pois teve a sorte de ser notado pelo Paraguaçu, diretor do programa. Adotou um nome artístico que "homenageava" dois amigos: o funcionário do correio Adoniran e o sambista carioca Luiz Barbosa.

Cantou músicas alheias, com regional, nas rádios Cosmo (hoje América), São Paulo, Difusora. Em 1935, inscreveu Dona Bôa (composição sua, em parceria com o pianista carioca J. Aymerê) no concurso para o carnaval oficial da Prefeitura paulista. Ganhou o primeiro prêmio: 500 mil



réis. O cheque foi descontado na Praça da Sé e o dinheiro mal deu para a farra que Adoniran e os amigos aprontaram. Ele acabou voltando a pé para casa. Nesse mesmo concurso, o segundo lugar ficou com outro novato, o Ranchinho. E Adoniran se encontraria com essa notável dupla caipira nos cast da rádio São Paulo, ainda em



1935. Foi quando saiu a primeira matéria sobre ele em jornal, com um título que ainda hoje repete de memória: "No baralho tem um ás de ouro. Na Rádio São Paulo tem três: Adoniran Barbosa, Ranchinho e Alvarenga."

ACABOU A CENSURA

SEXO TOTAL/80.
Peça hoje mesmo nosso super catálogo de produtos eróticos fartamente ilustrado com as últimas novidades para melhorar sua vida sexual e intertamente.
GRÁTIS

PARA MAIORES DE 18 ANOS

Preencha o cupon abaixo e envie para:
CAIXA POSTAL 44.166 - CEP 22.180 - RJ

SIM Quero receber sem despesas e discretamente embalado o super catálogo: SEXO TOTAL / 1980.

Nome
Endereço
CEP cid est
DISCRETAMENTE EMBALADO



“Eu Falando Já Era Uma Piada”

Um dia, o Blota Jr. e o Vicente Leporace resolveram fazer uma experiência e colocaram o Adoniran num programa humorístico que eles tinham na rádio Cruzeiro do Sul. O auditório entrou em delírio. E a partir daí a carreira de rádio-ator passou a ser sua principal ocupação, deixando a música em segundo plano até 1969, quando ele “se aposentou”.

Transferiu-se para a rádio Record em 1942, chamado pelo Otávio Gabus Mendes. Os programas foram se sucedendo: *Palmolive no Palco*, *Escolinha Risonha e Franca* (ele era o Barbozinha Maleducado da Silva), *Casa da Sogra* (interpretava vários tipos: o galã de cinema francês Jean Rubinet, o professor de inglês Richard, o cobrador de prestações Moisés Rabinovic, o chofer de táxi do Largo do Paissandu Perna Fina), *Zé Conversa e Catarina* (o Zé Conversa era um crioulo folgado da Barra Funda, que vestia a roupa do patrão para conquistar as empregadinhas, *O Crime Não Compensa* (este já era sério e o Adoniran fazia sempre o criminoso).

Mas o grande sucesso foi mesmo o *História das Malocas*, escrito por Osvaldo Molles (o Adoniran, com seu característico sotaque italiano, o chama de “Molichi”) e inspirado pelo sucesso da música *Saudosa Maloca*. A



A Consagração, Na Capital do Samba

“Antigamente era difícil entrar e mais difícil ainda fazer sucesso. Ninguém queria nada com a gente. O elevador vazio, para artista sem nome, estava sempre lotado. E a gente tinha que ficar dando em cima das gravadoras, dos cantores, dos locutores, dos diretores artísticos.” A confissão de Adoniran explica bem porque compôs de forma tão descontínua: *Joga, a Chave, Malvina e Iracema* em 1943; pausa até 1950, ano de *Saudosa Maloca, Samba do Arnesto, Os Mimoso Colibri*; novo lapso até 1956, quando suas composições antigas fazem sucesso através dos Demonios da Garôa e ele se anima a uma parceria com Vinícius de Moraes. *Bom Dia Tristeza*, que Aracy de Almeida gravou.

Finalmente, em 1964, o grande sucesso: *Trem das Onze*, que sem ser música carnavalesca, acabou se tornando um dos cinco sambas mais executados no carnaval do Centenário do Rio de Janeiro, valendo a Adoniran dois mil cruzeiros de prêmio e um troféu que ele exibe até hoje, com a inscri-

galeria de tipos é inesquecível: a Terezoca, o Trabucão, Panela de Pressão, Pafinça ... E o principal deles, “um preto da favela, vagabundo, que não faz nada”, marcaria época, interpretado por Adoniran: o Charutinho. Trata-se de mais um dos personagens curiosos baseados no carismático presidente do Corinthians, Alfredo Ignacio Trindade. (Outro deles é o político populista vivido por José Lewgoy no filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha.)

O *História das Malocas* ficou no ar de 1954 a 1968, em dois horários: domingos às 12,00 e sexta-feira às 21,00 h. Adoniran diz que ele foi o programa humorístico de maior audiência do rádio brasileiro, graças ao talento do Molles (“Igual a esse não apareceu mais nenhum e nem vai aparecer!”). Pergunto se ele próprio, Adoniran, chegava a criar alguma piada. “Eu não. E nem precisava, que eu falando já era uma piada.”

ção ‘Adoniran Barbosa, campeão carioca do carnaval’. Era o coroamento de sua carreira de compositor paulista, se consagrar na capital do samba!

E depois? O justo reconhecimento, a possibilidade de gravar seu próprio LP, a aceitação de seus sambas originais, falando de tipos esquecidos do cotidiano em seu linguajar simples e cheio de erros de português? Nada disso. Mais um período obscuro, de vacas magras. E ele, que já atuara em cinema (inclusive em *O Cangaceiro*), chega ao fim dos anos 60 fazendo pontas em novelas da Tupi, como *Mulheres de Areia* e *Ovelha Negra*.



Arnesto E A Censura Ortográfica

Foi então que o produtor musical João Carlos Botzelli, o Pelão, tornou-se seu amigo e começou a corrigir as injustiças de toda uma vida. Levou Adoniran para se apresentar no Teatro Treze de Maio, foi um tremendo êxito. Conseguiu que ele grava-

se o primeiro LP na Odeon, em 1975. Dá-se o episódio pitoresco da impossibilidade de colocar nesse disco, onde estão reunidos seus grandes sucessos, o *Samba do Arnesto*, porque um decreto oficial proibia o mau uso do vernáculo nos veículos de comunicação.

O professor Antonio Candido sai em defesa de Adoniran, na contracapa: “Já tenho lido que ele usa uma linguagem misturada de italiano e português. Não concordo. Da mistura, que é o sal de nossa terra, Adoniran colheu a flor e produziu uma obra radicalmente brasileira, em que as melhores cadências do samba e da canção, alimentadas inclusive pelo terreno fértil das Escolas, se aliam com naturalidade às deformações normais de português brasileiro, onde Ernesto vira Arnesto, em cuja casa nós fumo e não encontramos ninguém, exatamente como por todo esse País.”



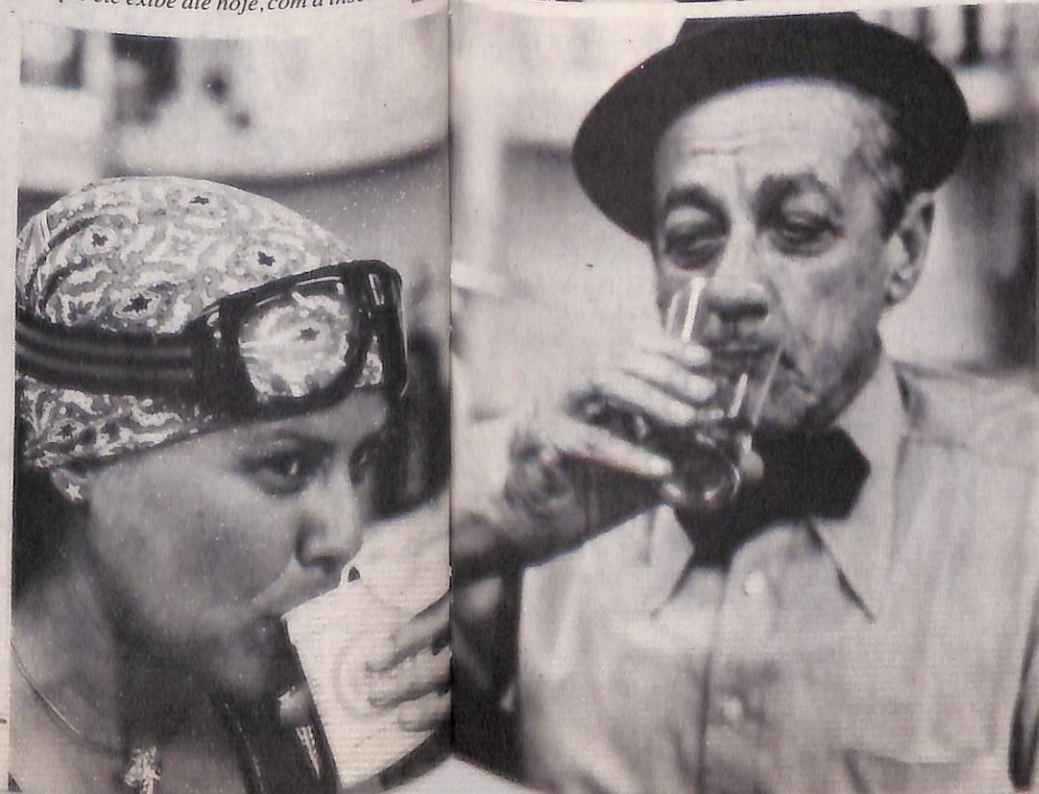
“Nóis Ganha Poco, Mais Nóis Si Diverti”

Mais um LP em 1976. E um novo hiato até agora, quando saiu o disco comemorativo de seus 70 anos, em meio a todas as festividades programadas pela Emi-Odeon. Um sucesso certo, a julgar por sua qualidade, pela repercussão da data e pelo



peso dos convidados (Clementina, Clara Nunes, Carlinhos Vergueiro, Djavan, Elis Regina, Gonzaguinha, MPB 4 etc.)

E depois? Quanto tempo levará até que o público recorde novamente esse que é um dos mais sensíveis e humanos retratistas de seu cotidiano? Meses, anos? Não importa. Adoniran seguirá mantendo seus rituais diários, resistindo obstinadamente à velhice e à acomodação. Continuará se apresentando pela periferia e pelo interior, em faculdades, escolas, prefeituras, entusiasmado com o público jovem que conquistou. (“Até a criançada já me conhece!” — afirma, orgulhoso. Não importa que volte dessas excursões exausto, desabe na cama e permaneça o dia e a noite toda recuperando as forças. E se alguém lhe perguntar se gosta da vida que leva, decerto ele responderá sinceramente que sim, talvez até acrescentando sua frase célebre. “Nóis ganha poco, mais nós si diverti!”



Carta de Vinicius de Moraes a Manuel Bandeira

Vinicius de Moraes, aquele que, na expressão de Carlos Drummond de Andrade, soube ser poeta no livro, na música e na vida: já virou folheto de cordel. E isto, quando a coisa surge naturalmente (como no seu caso), e não por artes de encomendas marotas, é talvez a mais expressiva forma de consagração popular.

Num folheto de oito páginas, Almir Oliveira de Gusmão, poeta pernambucano radicado no Rio, canta a *Vida, Paixão e Morte de Vinicius de Moraes*.

Imaginando a entrada do Vininha no Paraíso, salienta o seu confrade nordestino: «Há de ser abençoado / Lá no céu quando chegar / Pelos anjos festejado / Com cachaça e caviar.»

A Casa de Rui Barbosa, que tem hoje uma das maiores e mais importantes coleções da chamada «literatura popular em verso», já incorporou ao seu acervo o folheto de Almir Oliveira de Gusmão.

E, numa homenagem à memória do poeta que soube tão bem interpretar, em poemas e canções, a alma do povo brasileiro, e viveu uma vida de autêntico menestrel, cuja boêmia, deleitável e fecunda, antes lhe enriqueceu do que prejudicou a obra, publicamos hoje uma carta por ele dirigida a Manuel Bandeira.

A carta é bem expressiva da maneira do poetinha, com os diminutivos e o tratamento carinhoso que ele sabia dar às pessoas a quem queria bem. Dela só foi suprimido um pequeno trecho, por versar assunto estritamente pessoal e de família. Desnecessário dizer que o original se encontra no Arquivo-Museu de Literatura, da Casa de Rui Barbosa.

“Montevideú, 14-10-59

Manezinho querido,

Já devia ter escrito antes, mas com a dor que eu estava ninguém quer saber de nada senão de analgésicos. Imagina que o meu dentista aqui, considerado um dos melhores de Montevideú, para me extrair “una muela” deu-me, nada mais nada menos, uma injeção que atingiu a glândula salivar inferior. O resultado é que a boca se me encheu de si própria, fiquei sem poder quase engolir e com edema terrível que me deixou o lado esquerdo da cara parecido com o Henrique Pongetti. Só agora começou a desinfiltrar, depois de três dias de terramicina e vários supositórios de espasmo-cibalena. Dor esquisitíssima, diferente de todas as outras, que me deixou realmente prostrado.

Seu “Epitalâmio” nos deixou comovidíssimo, não só pela ternura do poema em si, como

porque foi assim como a nossa certidão de casamento. Acho, além do mais, uma das suas melhores coisas como forma: enxutíssimo e batata. E mostra o que um poeta deve realmente ser: um conhecedor de almas, um “expert” no ser humano, um fisiognomista que não precisa de Husserl nem da escola alemã para intuir o essencial do comportamento de um semblante. Lucinha me perguntou: “— Como é que ele pode saber de tudo isso me conhecendo tão pouco?” E eu disse a ela: “Ah, meu amor, é esse negócio da poesia...”. Porque tudo o que você disse é mais exato que uma soma aritmética. Lucinha é justamente aquilo.

Gostei muito de rever meu apartamento aqui em Pocitos, tão bonitinho e bem arrumado por... Lucinha. Achei o Rio muito agitado, e as pessoas meio perdidas, todo mundo só querendo saber do prazer da hora e se danando um pouco do que se passa com o alheio. Gosto, é engraçado, desta cidade meio provinciana, de clima estimulante: a pátria do mau tempo. Chuva e pampeiro três vezes por semana. Quando o sol sai, sai lindo, luminoso e fresco. Mas tome tango! Abrir rádio é um perigo. O “Orfeu”, se outro mérito não teve, teve este: deu um bom impulso na música popular brasileira, pelo menos aqui. Desta vez, apesar de muito tango ainda, estão tocando mais samba: pelo menos os do “Orfeu”.

Estou escrevendo minha peça nova, “Uma Rosa nas Trevas”, d’après o verso de Mallarmé. Danadamente difícil. E escrevendo o diálogo para a adaptação de “Riacho Doce” para o cinema, que fiz aí no Rio com Silvio Autuori e o Rui Guerra. E fazendo uma reportagem lírica sobre Paris para a revista “Senhor”. E batendo uma crônica diária para “Última Hora”. E dando 5 horas de expediente no Consulado. Como você vê,

Montevideu ajuda...

Peça a Rodrigo que me mande os dados gerais sobre Petrópolis, que quero colaborar com uma ou duas crônicas. As indicações dos edifícios e lugares históricos que estão sendo prejudicados pela corrida imobiliária, além dos malfeitos da última administração. O Sá Earp é meu amigo, e não custa dar uma chamada. Foi ele que me costurou a fachada, quando do meu acidente em fevereiro do ano passado.

Dê um abraço nosso em Lourdes. E diga a Mme. Blank que, com a agitação dos últimos dias aí e o número de coisas para fazer, não me foi possível ir fazer-lhe uma visitinha: mas irei logo que volte, em março ou abril de 60. (...)

Bom, Mané, até breve. Descobri que o difícil para um homem não é encontrar a sua mulher, é encontrar a sua viúva.

Saudades, abraços, ternura.

Vinicius"

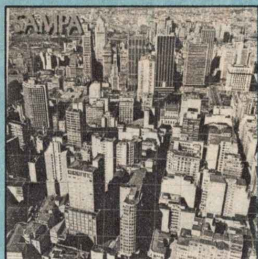


VINICIUS DE MORAIS

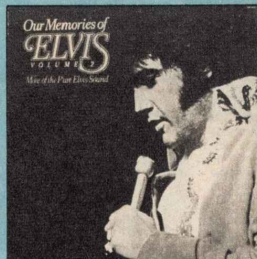
219B

DISCOS

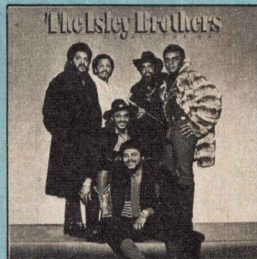
Aqui a cortiça é disco. E pra você ficar por dentro do que está pintando por aí, CONTIGO mostra as últimas novidades em LPs e compactos.



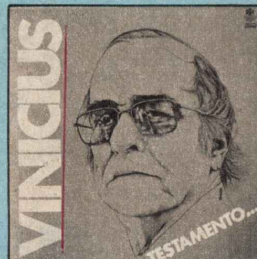
Do Estúdio Eldorado, este LP tem todos os ingredientes para agradar ao público, em particular o paulista "bairrista de verdade". As músicas do álbum — por sinal, muito bem elaborado — falam das coisas de São Paulo. Papete e Sílvia Maria interpretam *Sampa/Ronda*; Zé Luiz, *Noturno Paulistano*; Adoniran, a sua *No Morro da Casa Verde*, e Demônios da Garoa, *Samba do Ernesto*.



Our Memories of Elvis — Volume 2 foi lançado pela RCA nesta passagem pelo terceiro aniversário do desaparecimento do cantor. Sem dúvida alguma, o disco, que traz alguns dos mais vibrantes momentos da carreira do rei do rock, é um prato cheio para aqueles que nunca o esquecem.



The Isley Brothers oferecem, em *Go All the Way*, seis faixas que brilham por sua precisão e sensualidade. O LP dá o primeiro pontapé com a envolvente faixa-título, que pode ser considerada um verdadeiro hino da alegria. *Say You Will*, hipnótica, é acentuadamente marcada pela guitarra funk de Ernie Isley. O melhor álbum do grupo. Da CBS.



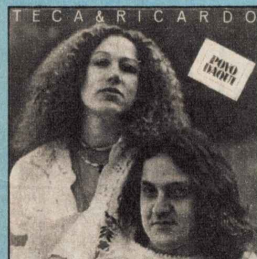
Testamento foi o título escolhido pela RGE para este lançamento, onde Vinicius de Moraes desfila algumas de suas composições. Não há destaques a fazer no álbum — com o que devem concordar todos os admiradores do "Poetinha": a obra deixada por Vinicius tem, toda ela, vastíssima força poética. É um testamento que ele deixa para nós.



Em *Handsome*, o Kilburn and the High-Roads apresenta um trabalho totalmente apoiado na linha melódica do rock desenvolvido nas últimas três décadas, com variações que abrangem influências musicais diversas, do jazz clássico ao moderno reggae. Embora gravado há quatro anos, o álbum mantém sua atualidade, o que pode ser comprovado em *Crippled*, por exemplo. Lançamento Continental.



Cantores como Jair Rodrigues, Wanderlea, Alcione e conjuntos como o MPB-4 e o Tamba Trio já gravaram composições de Tom e Dito. Agora, contratada pela Copacabana, a dupla (que já tem cinco LPs) apresenta um compacto, onde incluiu *Frevo Frenético* (com o qual participou do Festival MPB-80, da Globo) e *Tua Mulher*, samba satírico e bem popular.



Teca — cantora, compositora, instrumentista — e Ricardo — compositor, instrumentista, arranjador e intérprete — lançam este LP pela Odeon. As composições apresentadas pela dupla no disco revelam fortíssima fidelidade às raízes brasileiras. Destaques para *Ciranda da Lua do Mar*, *Triste Tropical*, *Povo Daqui* e *As Flores deste Jardim*.



Beth Maia, Peninha, Tim Maia e Dudu França são algumas das presenças deste LP da Polygram, *O Melhor das Paradas e Seus Intérpretes Originais*. Os destaques ficam por conta de *Cada Vez Mais* (Beth Maia), *Nosso Adeus* (Tim Maia) e *Vida* (Peninha). Vale a pena conferir este lançamento.

* Um dos maiores letristas que a música brasileira já teve, cantado e celebrado em todo o mundo, Vinicius de Moraes deixou uma obra vastíssima, toda ela de grande força poética. A RGE, numa justa homenagem à sua obra, acaba de reunir alguns dos seus melhores momentos no Lp *Testamento*. Já nas lojas.

* O grupo 14 Bis, atualmente um dos mais executados em nossas rádios com a composição *Bola de Meia, Bola de Gude*, está lançando seu segundo Lp, intitulado *14 Bis II*.

* João Bosco aprontando seu novo disco, *Bandalhismo*, que tem a participação especial de Sérgio Ricardo na faixa *Anjo Torto*, única que não é de autoria da dupla Bosco e Blanc.

* Dominginhos vivendo uma nova e importante fase em sua carreira. Depois de produzir o Lp de *Guadalupe*, ele volta ao estúdio e repete a dose com o trio de compositores Clodó, Climério e Clésio, que já têm diversos sucessos gravados por Fagner e Gal Costa, entre outros.

* Depois do sucesso de Gal Costa no Oriente, quem segue para o Japão é Jair Rodrigues e Alcione. Terminada a temporada nipônica, a *Marrom* vai a Angola, onde seus discos têm tido muito boa aceitação.

HORÓSCOPO

FRANCESCO WALDNER, EXCLUSIVO PARA CLAUDIA

VIRGEM



AMOR — Uma certa inquietação e a alma cheia de dúvidas: assim pode ser descrito seu estado de espírito nestes primeiros dias do mês. Procure ser mais paciente e não leve tão a sério pequenos desencontros com a pessoa amada. Sobretudo, busque a calma, se possível só você e ele, viajando. **TRABALHO** - Você se sentirá extremamente ativa, embora um tanto quanto nervosa e irritada. Por isso, respeite seu ritmo, sem se forçar a tarefas para as quais você ainda não está preparada. Procure medir exatamente a dificuldade a ser superada, evitando assim preocupações e gastos extras de energia. **SAÚDE** — Este seu cansaço deve

ser examinado com mais cuidado. Ele pode ser o primeiro sinal de uma estafa. Procure alimentar-se melhor, durma mais, relaxe. Você verá como desaparecerão essas dores nas costas, que nada mais são do que excesso de tensão. **MEU CONSELHO** - Apesar de os astros não estarem muito favoráveis neste primeiro período, a segunda quinzena promete ser muito melhor. Prepare-se para driblar essas pequenas nuvens que podem ofuscar seus dias de sol. Coragem, porque afinal depende só de você conseguir passar por esta fase relaxada e feliz. E não esqueça: as alegrias da vida estão aí, esperando por você.

BALANÇA 23/9 a 22/10



AMOR — Procure reservar mais tempo para sua vida afetiva: o mês se mostra tranqüilo e sereno nesta área e você deverá aproveitá-lo ao máximo. **TRABALHO** — A estima e confiança de pessoas influentes a ajudarão a tomar uma decisão muito importante, com enorme sucesso. **SAÚDE** — Cuidado ao dirigir: você anda meio distraída! **MEU CONSELHO** — Você estará de bom humor e muito otimista. Mas isto não lhe dará o direito de julgar e analisar friamente os outros.

ESCORPIÃO 23/10 a 22/11



AMOR - Se você não destruir a felicidade com suas próprias mãos (coisa, aliás, que você anda fazendo com alguma facilidade), poderá passar por um período de verdadeiro bem-estar. **TRABALHO** - Cuidado para não perder a cabeça e se envolver numa situação difícil, que adiara sua promoção. **SAÚDE** - Crises de depressão passageiras poderão ser controladas: procure distrair-se mais. **MEU CONSELHO** - Perseverança é fundamental para você atingir a meta determinada.

SAGITÁRIO 23/11 a 21/12



AMOR - Críticas inteligentes, mas pouco indulgentes, poderão ofender seu companheiro. Controle este lado de sua personalidade. **TRABALHO** - Há maneiras muito arriscadas de se tentar subir na vida. Prefira dar um passo mais lento (e pensado) para atingir o topo da escada. **SAÚDE** - Procure um oculista para ver o que anda provocando essa irritação nos olhos. **MEU CONSELHO** - Sua inteligência é uma arma que você deve aprender a usar. Mas a seu favor!

CAPRICÓRNIO 22/12 a 20/1



AMOR - Não transforme tensões passageiras em grandes momentos de tragédia. Com um pouco de senso de humor e boa vontade, você poderá mudar uma atmosfera um tanto pesada e ainda passar dias agradáveis e felizes. **TRABALHO** - Ótimo período. Procure fazer valer suas opiniões e não tenha medo de defender suas idéias. **SAÚDE** - Cuidado com pequenos acidentes domésticos. **MEU CONSELHO** - Saiba responder às agressões: mostre-se benevolente e superior.

AQUÁRIO 21/1 a 19/2



AMOR - Procure ver mais os amigos para se sentir mais estimulada: seu amado saberá compreender esse seu desejo de liberdade. **TRABALHO** - Espírito de iniciativa lhe permitirá resolver um problema urgente. Evite troca de correspondência entre os dias 10 e 24: os astros poderão ofuscar sua lucidez mental. **SAÚDE** - Pule corda todos os dias: você está levando uma vida muito sedentária. **MEU CONSELHO** - Não perca o entusiasmo. Afinal de contas, sonhar sempre faz bem.

PEIXES 20/2 a 20/3



AMOR — Vida afetiva intensa. Você será capaz de deslanchar, tomar iniciativas, resolver problemas pendentes. Um encontro importante trará toda a emoção do passado. Mas atenção: controle seu romantismo. **TRABALHO** — Evite discutir com autoridades e procure ser simpática com os colegas. **SAÚDE** — Você está ótima, não se preocupe. **MEU CONSELHO** — Situação financeira insegura: procure não desperdiçar seu salário em compras supérfluas e tente aplicar seu dinheiro.

CARNEIRO 21/3 a 20/4



AMOR — Não julgue as coisas apenas sob seu ponto de vista: tente compreender as razões de seu companheiro, seus desejos e aspirações. **TRABALHO** — Autocontrole e objetividade são duas palavras que você não deve esquecer este mês. Não exagere em sua impulsividade. **SAÚDE** — Diminua o cigarro e essa tosse desaparecerá. **MEU CONSELHO** — Não tome iniciativas sem pensar. Controle seus gastos para evitar surpresas no final do mês. Lembre-se de que "o dinheiro voa"!

TOURO 21/4 a 20/5



AMOR — Comece a fazer planos para o futuro: este é um belo mês para sua vida afetiva e você poderá aprofundar esse relacionamento. Para as taurianas desimpedidas, atenção: os astros favorecem encontros decisivos. **TRABALHO** — Aceite convites para participar de reuniões sociais, principalmente aquelas que envolvem pessoas que trabalham com você. **SAÚDE** — Sua pele está precisando de uma boa hidratação. **MEU CONSELHO** — Procure ser menos exigente e possessiva.

GÊMEOS 21/5 a 20/6



AMOR — Convites interessantes, flertes divertidos e situações agradáveis movimentarão este período. Cuidado para não provocar ciúme, fazendo um duplo jogo. **TRABALHO** — Seja reservada e não peça favores, principalmente aos seus superiores. **SAÚDE** — Sua saúde e sistema nervoso poderão ressentir-se desta vida agitada. Descanse mais. **MEU CONSELHO** — Prudência em todos os sentidos: você poderá ser alvo de críticas de pessoas mais velhas.

CÂNCER 21/6 a 20/7



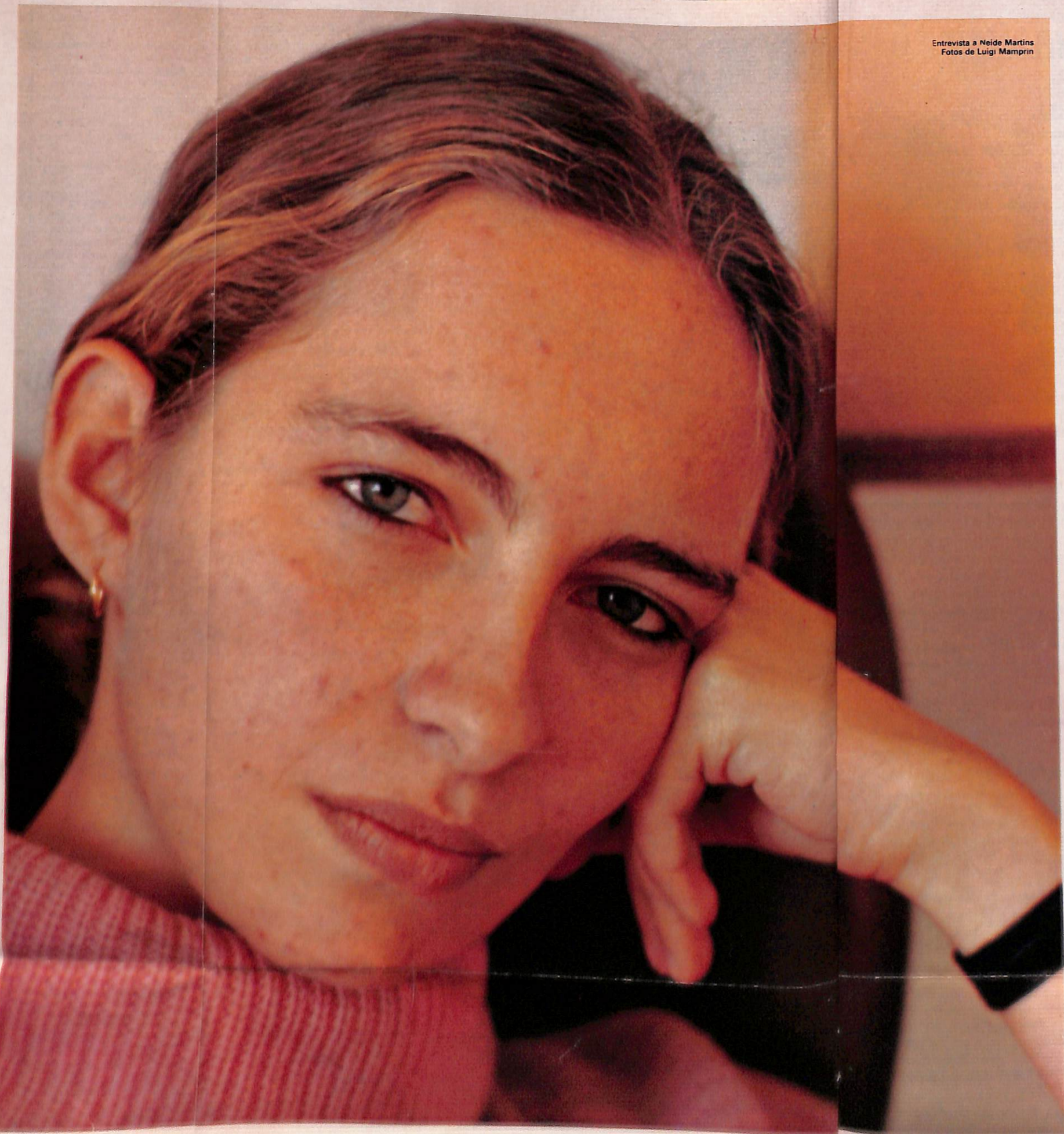
AMOR — Você exercerá grande fascínio sobre a pessoa amada, se sentirá feliz e realizada. Mas cuidado com pequenos mal-entendidos e com acessos de ciúme de seu companheiro. **TRABALHO** — Controle suas baixas de humor e evite discutir com uma pessoa influente. **SAÚDE** — Evite doces e gorduras: seu peso está subindo perigosamente. **MEU CONSELHO** — Procure descobrir o que a está deixando tão inquieta e ansiosa: a resposta pode estar bem próxima de você.

LEÃO 21/7 a 22/8



AMOR — Você descobrirá entre amigos uma pessoa que mostra muito interesse por você. Seja paciente (a pressa poderá pôr tudo a perder) e realista. **TRABALHO** — Intensa atividade e muito sucesso profissional: você poderá impor suas opiniões. **SAÚDE** — Faça um bom corte nos cabelos para fortalecê-los. **MEU CONSELHO** — Essa nova amizade despertará inveja em muita gente. Não dê importância aos comentários e permaneça fiel aos seus princípios e intuição.

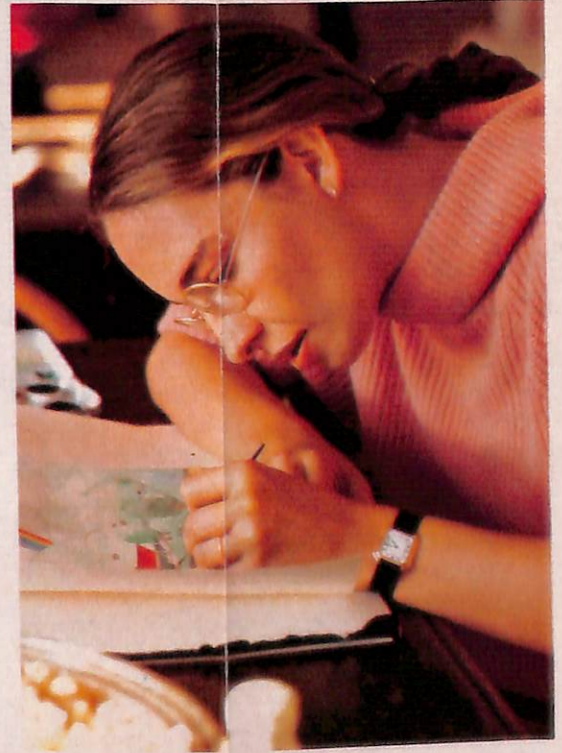
ILUSTRAÇÕES: JOSÉ CARLOS DE BRITO



Entrevista a Neide Martins
Fotos de Luigi Mamprin

A MENINA PINK EM TEMPO DE PAZ

Uma personalidade forte que lembra a mãe Danusa Leão. "A boca é da minha tia Nara Leão." Os olhos verdes e puxados que marcam o rosto são do pai, o jornalista Samuel Wainer. Este é um rápido perfil de Pink Wainer ou Deborah Leão Wainer Oliveira, uma jovem de apenas 25 anos que só deseja ser o que é: uma pacata mãe de 2 filhos. O nome Leão é uma marca e um orgulho mas lhe custou algumas lutas. Uma delas: ter que se encontrar não como uma Leão, mas como uma jovem comum, cheia de sonhos e aspirações comuns.



"A adolescência me deixou cicatrizes"

Muitas vezes Pink (o nome foi dado pela avó, que a achava rosada demais) sentiu que, por carregar o nome Leão, teria que seguir um caminho traçado. Mas num determinado dia a cabeça balançou. Parte da infância, passada em colégios europeus rígidos e uma adolescência liberal no Rio de Janeiro, provocaram um choque e um conflito. O que justifica uma fase de sua vida bastante tumultuada. Saiu tão sofrida da adolescência que agora é só esquecer e alcançar o mais breve possível uma maturidade que a faça parecer uma Lauren Bacall, por exemplo:

"Eu tive uma vida irreal. Quando meu pai foi exilado, passamos alguns anos na Europa. Ao voltar ao Brasil eu era uma europeia e encontrei tudo diferente. Fiquei chocada, revoltada. Acho que todos os adolescentes da época eram revoltados. Era a década de 60. Até então eu era uma espécie de princesa, meu pai era o rei e a minha mãe a rainha. Tive que descobrir outra realidade. Adotei, então, um estilo de vida liberal e fiz tudo a que tinha direito. Fiz todas as loucuras. Saía muito, ia para as boates com pessoas mais velhas do que eu... sempre fui grandona, então parecia mais velha, mais madura. Meu comportamento em relação aos meus pais também mudou, passei a enxergá-los como duas pessoas comuns. Eu saí muito machucada da adolescência. Fiquei adulta cedo e com cicatrizes. De repente me vi à beira de um abismo e me deu vontade de

sobreviver. Comecei a ver que eu era eu, que eu estava envolvida pelas pessoas e pelo meio. Fui saindo aos poucos, aos trancos e barrancos, só com a minha consciência. Acho que toda minha geração terminou meio machucada porque a loucura era pela loucura, ninguém fazia nada pela ecologia, pela política, nada".

Hoje Pink diz que consegue ver tudo com uma espécie de visão histórica. E acha que mudou muito.

A mãe especial, a tia famosa e o pai amigo

Em relação à mãe, Pink não se detém em confessar que também tinha "griolos". E ao falar de Danusa Leão, abaixa a cabeça e pensa.

Final de contas, um mito não teria condições de atender sempre, como mãe, todas as expectativas da filha:

"Danusa é uma mulher especial, forte, que carrega uma espécie de luz com ela. Como mãe ela foi boa, mas de repente eu queria uma mãe que ficasse sentada em casa, tricotando. E Danusa é muito ela mesma, não tem essa coisa maternal. E eu tive que aceitá-la dessa maneira. Eu gosto muito dela, hoje muito mais do que antigamente".

Esse lado desprendido da mãe, Pink procura justificar como consequência da própria geração:

"A geração de minha mãe foi legal, foi a geração pós-guerra. As pessoas estavam bem, cheias de esperança e de otimismo no mundo inteiro. No Brasil tinha o Juscelino Kubitschek, era época de construção, todo mundo era bonito, todo mundo tinha dinheiro".

O papo sobre as diferentes gerações leva Pink a lembrar-se de sua tia, a cantora Nara Leão:

"A minha tia é outra pessoa maravilhosa. Eu sempre me dei bem com ela. Quando ela teve os filhos, em Paris, eu estava do lado dela. Como ela tem 2 crianças e entende um pouco de Psicologia eu me aconselho muito com ela. Acho que a geração dela foi diferente, mais lúcida. A década de 60 foi mais política, mais de opinião. A década de 70 já não foi tão legal. E a geração que começa, a do meu irmão,

por exemplo, que tem 18 anos, já é mais consciente. Ele vive as mesmas loucuras que eu vivi, mas sem desespero, com mais tranquilidade.

Pink só não está certa se será uma geração melhor para o futuro por causa de um problema particular que a vem preocupando bastante: a construção de usinas nucleares:

"Eu ando muito preocupada e acho que todas as mães deveriam se preocupar também. Imagine você que o meu filho pode dar um mergulho no mar e sair de lá mudado sem ninguém perceber. Ele poderá ter todos os seus filhos deformados e assim por diante. E com os meus filhos eu não quero pecar por omissão, mas por excesso de zelo".

A cada meia hora de conversa, Pink interrompe:

"E do meu pai, você não vai perguntar nada?" Samuel Wainer, jornalista atuante, fundador do extinto jornal *Última Hora* de São Paulo é mito e amigo:

"Eu não vou cair no lugar comum de dizer que ele é uma pessoa incrível. Ele sempre foi o meu companheiro. Na Europa ele saía até para comprar roupa comigo. Nós conversamos sobre tudo, saímos muito para jantar, então as pessoas vêm cumprimentá-lo. Eu fico emocionada só de ver o meu pai, eu olho pra ele e fico com vontade de chorar. Ele sempre esteve do meu lado, me ajudando nos meus momentos difíceis. Enfim, a gente se entende muito bem. Acho que todo pai e filha são assim, agarrados. A minha filha, a Rita, é a mesma coisa com o pai dela".

Foi em 1972 que o pai a ajudou mais uma vez, quando Pink resolveu trocar o Rio de Janeiro por São Paulo. Ele veio junto. E aqui Pink se fixou em duas paixões: na própria cidade ("No Rio de Janeiro tudo é muito folclore, em São Paulo, ao contrário, tudo é mais sério") e em Roberto de Oliveira, dono de uma empresa de comunicação. Eles ficaram se conhecendo no Rio, apresentados por Vinicius de Moraes:

"Eu vim para São Paulo trabalhar como relações públicas da empresa dele. Mas trabalhei também como jornalista e apresentadora da série *Documentos da TV Bandeirantes*". Esta paixão foi inevitável. A decisão do casamento veio logo "e conseguiu pôr tudo nos eixos".

segue



Pink: o olhar de quem confia em si mesma e tem uma tarefa a cumprir.

O companheiro que você precisa



Lycra.
Marca registrada da Du Pont
O fio elástico que só a Du Pont fabrica.

Seu corpo precisa um companheiro perfeito para as horas e momentos da sua vida. Um companheiro agradável que proporcione maciez, leveza e até mesmo elasticidade nas horas certas. De Millus é o companheiro que seu corpo precisa, com soutiens que vão sempre vir lembrar. De Millus criou este modelo com bordado suíço para nenhum inseto colocar defeito.

De Millus
feito com amor



“Eu só quero construir uma família feliz”

Estão juntos há 6 anos, mas a legalização do casamento só aconteceu há 3 meses: “A gente se quer muito, brigamos muito também, mas sempre chegamos a uma conclusão, não deixamos nada em suspenso”.

Veio o primeiro filho que faleceu com 2 meses. Outra fase difícil para Pink, superada com a vinda de dois outros filhos: João e Rita. Hoje Pink deseja apenas ser uma pacata “mãe de família”, apesar da pouca idade. Uma esposa e dona-de-casa cuidadora.

“Eu não faço nada disso por obrigação, mas com prazer. Eu gosto de cuidar da minha casa e dos meus filhos. Não me sinto uma pessoa fantástica, uma médica, uma engenheira, uma jornalista. Acho que não tenho vocação para nada. O importante é gostar dos meus filhos, ser carinhosa com eles, chata, levá-los à escola, tudo isso é bom.” Pink tenta justificar a frustração que às vezes experimenta quando, na porta da escola, muitas mulheres lhe perguntam: Como, você não trabalha fora?

“Pois é, o meu filho também às vezes me pergunta: o papai trabalha e a senhora o que faz? Eu respondo para o João que dar banho nele todos os dias, preparar o lanche dele, levá-lo ao médico, à escola, também é um trabalho. Na verdade, tem muita coisa que me coloca por baixo aqui em casa. Por exemplo: eu não dirijo, então é o pai que dirige, que dá dinheiro, que

decide tudo. Agora eu vou tirar carta de motorista...”

Mas Pink está tranqüila. Nada vai tirar a sua serenidade.

Uma ex-adolescente rebelde é apenas uma jovem senhora feliz

Num confortável apartamento em Higienópolis, os dias de Pink são mais ou menos iguais. A manhã é para os filhos. A tarde, escola. Ela faz questão de levá-los e buscá-los, atravessando um lindo parque a pé. Sozinha, em casa, Pink cuida dos passarinhos, do jardim interno ou se exercita com papéis e aquarela, desenhando paisagens, bichos ou histórias que depois ela vai contar para as crianças. A noite, a espera de Roberto. O relacionamento do casal tenta ser perfeito:

“A gente faz força para não mentir. Ele é um ótimo marido mas não me ajuda em casa, não troca fralda, não lava louça. Nós assumimos dividir as funções. Às vezes eu reclamo, a Rita está chorando e eu peço para ele dar uma olhada, ele não vai, tudo bem. Eu vou, sem grilos. Em nenhum momento houve dúvida a respeito dos papéis entre nós. Além disso, ele tem um trabalho que adora e que o absorve demais”.

De vez em quando a família passa uns dias no Rio ou vai para uma praia do litoral paulista. Sair, à noite, muito pouco: “Eu descobri uma coisa maravilhosa: eu detesto sair, odeio badalar, ir a festas e fazer fofocas. E olha, demorei tanto para descobrir isso”.

A ex-adolescente rebelde e sofrida só tem uma meta, no momento: ser feliz. “Não importa que eu fique dentro de casa cuidando dos meus filhos e do meu marido. Se eu for feliz assim eu vou ser isso”. Se um dia a separação for necessária, Pink está preparada: “Eu sou a favor da separação do casal, mesmo quando existem filhos, embora eu ache isso a coisa mais triste do mundo. E eu não quero que isso aconteça comigo”.

Pink está quieta no seu canto, como ela diz, mas não desligada. Ela procura informar-se de tudo. Lê, de preferência literatura e muito romance: Maupassant, Flaubert, Emile Zola. “Eu sou uma romântica.” Discute política, desenha e não deixa de ver a novela das oito horas. Pensa em muita coisa que é discutida por aí. Sexo, por exemplo:

“Eu acho que tem que existir sexo para ter filhos, sexo com amor, sexo pelo sexo também. Agora, quem está fazendo sexo por moda, está fazendo com alguém que pensa do mesmo jeito, então não há conflitos”. Pink só está assustada com os novos costumes:

“As meninas de 15 anos, agora, recebem os namorados, inclusive para praticar sexo, na casa dos seus pais, em seu próprio quarto. Pelo menos no Rio de Janeiro isso virou moda. É uma coisa constrangedora e eu não aceito. Não é que eu seja careta... isso não é nem permissividade, pegar tudo quanto é namorado e levar pra casa, não admito”.

Às vezes ela começa a pensar nos medos que tem: “Só não quero ter uma morte violenta. Depois que os meus filhos nasceram comecei a ficar com esse medo. Eu quero vê-los crescer, ver a carinha deles quando eles tiverem 20, 30 anos. Eu quero ver tudo isso”. Quando tem um tempinho livre, descansa: “Trabalhar para o marido e os filhos é diferente do que trabalhar num escritório. Em casa não tem férias nem fim de semana”. Planos? Está dando tempo para ter mais um filho, talvez dois ou três. Quer ainda, muitas vezes, curtir a gravidez: “É quando a gente se sente a rainha do mundo...”

FIM



João e Rita, os filhos: “Só me preocupo demais com a cabecinha deles”.



“O mingau” com suco de laranja e maçã

Misture em um prato:
1 xícara (chá) de suco de laranja
2 colheres (sopa) de açúcar
3 colheres (sopa) de Farinha Láctea Nestlé
1/2 maçã descascada e ralada

“O mingau” com leite e pêra

Misture em um prato:
1 xícara (chá) de leite frio
1 colher (sopa) de açúcar
3 colheres (sopa) de Farinha Láctea Nestlé
1/2 pêra, madura descascada e ralada

O melhor e mais forte mingau.

Nestlé



203



texto de
HAROLDO COSTA

«MEU
ORFEU
BRANCO»



A música e as musas foram a constante da vida de Vinicius de Moraes, num entrelaçamento fecundo que varou anos a fio e deixou um legado de poemas, canções, crônicas, frases e jeito-de-ser. Era diplomata, e amigo. Poeta, e amigo. Cantor, e amigo. Compositor, e amigo. Amigo. Seus últimos momentos foram entre os acordes de uma nova canção que fazia com seu parceiro Toquinho, com quem durante onze anos fez um fértil repertório. E poderia ser diferente? Poderia. Mas não era justo. Na sua integralidade como ser humano, Vinicius foi um homem sem preconceitos. Por isso deslizou entre a poesia mística dos seus primeiros poemas e a sensualidade que transbordava nas suas canções. Foi parceiro de Bach e Pixinguinha. Estava à vontade num sofisticado restaurante da Zona Sul ou numa roda de choro no quintal de algum amigo suburbano. Falava do amor, da morte e do operário em construção. Era um ser solidário. A primeira vez que estive com Vinicius foi em Paris, maio de 1954. Ele era secretário de embaixada e eu estava com o conjunto *Brasiliana* numa tournée pelo mundo. Como era o «branco mais negro do Brasil», como ele mesmo se definiu, identificou-se com o espetáculo e com o elenco à primeira vista. Ao contrário de alguns diplomatas que só apareciam no teatro depois das primeiras críticas - que felizmente



eram sempre favoráveis - Vinicius esteve presente à estréia no Theatre Étoile, conviveu conosco o mais que pôde, e nos ofereceu uma memorável feijoada de despedida. E foi nesta feijoada que ele me falou de sua peça *Orfeu da Conceição*, cujo primeiro ato ele escrevera durante o tempo que esteve servindo em Los Angeles. Li o Soneto do Corifeu:

São demais os perigos desta vida
Para quem tem paixão, principalmente
Quando uma lua chega de repente
E se deixa no céu como esquecida

E se ao luar que atua desvairado
Vem se unir uma música qualquer
Aí então é preciso ter cuidado
Porque deve andar perto uma mulher

Deve andar perto uma mulher que é feita
De música, luar e sentimento
E que a vida não quer, de tão perfeita

Uma mulher que é como a própria lua
Tão linda que só espalha sofrimento
Tão cheia de pudor que vive nua.

Li e reli todo o primeiro ato algumas vezes naquela tarde parisiense. A partir de então passei a mandar sempre um cartãozinho para o Poeta: Amsterdã, Haia, Estocolmo, Helsinqui, por aí afora. Dois anos depois estávamos todos de volta ao Brasil. Vinicius chegara com o projeto do filme *Orfeu do Carnaval*. Estava de férias e, durante todo o tempo tinha tentado o financiamento de alguém. Ou para o filme ou para a peça. No seu último sábado no Rio, antes de voltar a



Paris, eis que ele oferece uma feijoada aos amigos. Eu também estava lá. Um pouco desolado, mas não desanimado, Vinicius falava sobre o projeto da montagem da peça, quando surge um cavalheiro que disse duas palavras que mudaram o destino de muita gente e da música brasileira: Eu monto!
Dito e feito. Vinicius convocou seus amigos mais chegados. Oscar Niemeyer, Carlos Scliar, Normam Esquerdo, entre outros, aderiram à idéia e juntaram-se aos esforços. Faltava um compositor para musicar as letras da peça, e num encontro com Lucio Rangel, jornalista e crítico, no Bar Vilarinho, este sugeriu o nome de Antonio Carlos Jobim. O diretor, Leo Jusi, foi uma indicação de Nelson Rodrigues. Lila Boscoli, então mulher de Vinicius, encarregou-se dos figurinos. Para o papel título, não obstante a minha amizade com o Poeta e os antecedentes de participação na história da peça, e houve uma seleção de atores, entre os quais me inscrevi, e dos quais fui o escolhido.
No dia 25 de setembro de 1956, às nove e quinze da noite, o maestro Leo Peracchi levantou a batuta e os acordes da *Overture* escrita por Antonio Carlos Jobim tomaram conta da sala e dos sentidos das pessoas que lotavam o Teatro Municipal. O violão de Luiz Bonfá gemia a valsa *Euridice*, enquanto o pano de boca abria lentamente mostrando a delicadeza das linhas do cenário criado por Niemeyer. Um halo de poesia já envolvia a tudo e a todos. O público aplaudiu com entusiasmo e calor, cessando apenas para ouvir:

Toda música é minha,
eu sou Orfeu.
Eu sou Orfeu,
mas quem sou eu?

A peça *Orfeu da Conceição* mobilizou a inteligência brasileira. Djanira, Scliar, Raymundo Nogueira fizeram





cartazes. Guilherme Figueiredo, Anibal Machado, Jorge Amado, Guerreiro Ramos escreveram sobre a emoção que lhe causaram os versos e as músicas. E mais um acontecimento importante deve ser creditado a este espetáculo: atores negros assumiam a condição humana que a poesia devolve, e interpretavam com dignidade personagens dignos, nas suas fraquezas e nas suas virtudes; na sua paixão e nas suas dúvidas; na sua grandeza e na sua solidão. De lá pra cá, a música popular brasileira não foi mais a mesma. E a poesia também não. Vinicius de Moraes e Antonio Carlos Jobim, fizeram jorrar canções e canções que ficarão para sempre na memória e na sensibilidade de nossa gente. E a poesia, em que mudou? Mudou no fato de um poeta chegar realmente ao povo através do seu instrumento, que é a palavra.

EPITÁFIO

Aqui jaz o Sol
Que criou a aurora
E deu luz ao dia
E apascentou a tarde

O mágico pastor
De mãos luminosas
Que fecundou as rosas
E as despentalou

Aqui jaz o Sol
O andrógino meigo
E violento, que

Possuiu a forma
De todas as mulheres
E morreu no mar.

Com sua força carismática, Vinicius empurrou talentos e revelou vocações. Carlos Lyra, Baden Powell, Pixinguinha, Edu Lobo, Chico Buarque de Holanda, Claudio Santoro, Adoniram Barbosa, Toquinho, são alguns dos que tiveram a benção do trabalho com Vinicius. Em torno da sua presença tudo ficava mais rico, porque ele era a própria Poesia. Sua vida foi intensamente vivida através de amores sólidos era a transparência da sua alma de poeta e vagabundo, como ele se declarava. Amou e deixou-se amar com a força, ou inércia, dos predestinados ao Amor. E esta foi a sua grande lição, esparramou ternura e carinho, cada vez com mais intensidade. Vinicius sempre me chamava de *Meu Orfeu Negro* e, inclusive, escreveu uma crônica com este título onde me distinguiu com alguns conceitos que a força de sua amizade formou. Eu o amava. Ele era meu amigo. Não estou triste porque tenho certeza de que nunca ninguém vai esquecê-lo. Mas ele vai fazer falta. Ah, meu Orfeu branco, se todos fossem iguais a você!...



223

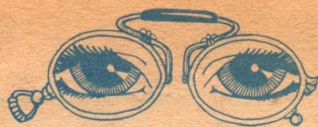


Emmanuelle
de Guido Crepax

3. Emmanuelle, chegada de Paris em Bangkok conhece e freqüenta belíssimas mulheres européias, mulheres de funcionários de embaixada, passando os dias apanhando sol e entre um cocktail-party e outro encontra Marie-Anne e com essa vive a primeira experiência de amor sáfica.



VEJA COM BONS OLHOS



Francis Hime, Toquinho & Maria Creuza

Atualmente em excursão pelas

principais cidades de São Paulo e Minas Gerais, o *show* de Francis Hime, Toquinho e Maria Creuza — apresentado, no mês passado, no Teatro da Galeria (Rio) —, com sua predominância de um som inti-

mista, estaria bem melhor numa boate do que numa sala de espetáculos convencional — com a tradicional divisão palco italiano/platéia. Ainda assim, a descontração que a direção de Fernando Faro imprimiu ao espetáculo resulta comunicativa — apesar do ocasionalmente incômodo distanciamento. Basicamente, trata-se de uma espécie de recital que reúne uma voz (Maria Creuza), um violão (Toquinho) e um piano (Francis Hime). Três artistas que, à primeira vista, não têm nada a ver um com o outro; mas que, em poucos instantes, estabelecem um denominador comum: Vinícius de Moraes. É a sua veia poética que, na realidade, funciona como elemento de ligação entre as três estrelas do *show*. Maria Creuza, muito à vontade, solta toda sua baianidade num módulo sobre Salvador; Toquinho é o que se pode chamar de um virtuose do violão popular, enquanto Francis, em grande forma ao piano, apresenta uma nova música em parceria com Chico Buarque — *E Se* — que tem tudo para fazer enorme sucesso. No todo, um espetáculo muito simpático a que se assiste com bastante prazer.



Francis Hime no *show* que leva o seu nome e mais e o de Toquinho e Maria Creuza.

Maria Fernanda e Nelson Dantas em *Quem Casa Quer Casa e Outras Coisas Mais*.



Dengo



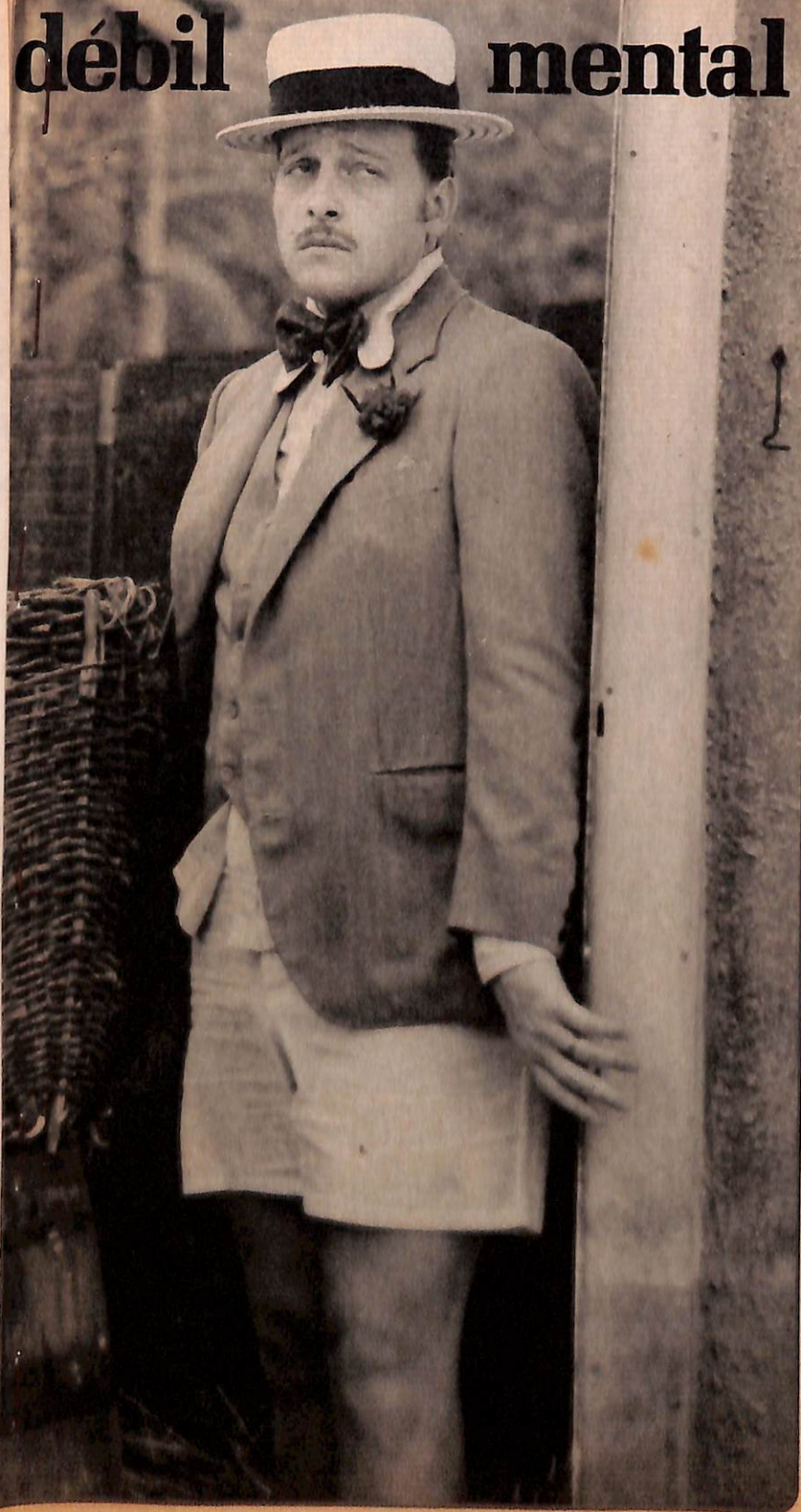
Zezé Motta está completando três anos como cantora profissional. Já lançou três LPs e já está no seu terceiro *show* individual: *Dengo*, atual cartaz do Teatro Casa Grande. Enquanto o primeiro ficou como um dos melhores espetáculos musicais de 78, o segundo (*Verão Vagabundo*) foi um dos maiores desacertos de 79. *Dengo* não é uma coisa nem outra. Ou seja, não é ótimo, mas também não é um horror. É apenas desi-

Segue

225

SETIMO CÉU
Nº 92/09/80

débil mental



GORDURA NÃO TEM VEZ



CINTA DE EMAGRECIMENTO EMAGREX

— A única UNISSEX —

É um verdadeiro método revolucionário. Você pode usá-la sob qualquer roupa, sem que ninguém note. E, aos poucos, vai perdendo as gordurinhas em excesso. A cinta de emagrecimento EMAGREX pode ser usada em casa, no trabalho, na ginástica, em festas, sem causar incômodo. EMAGREX reduz a celulite, a flacidez e as gordurinhas supérfluas, através de MICRO-MASSAGENS, com o simples movimento natural do seu corpo.

ENTRE NA LINHA. USE EMAGREX

Três Tamanhos
Pequeno: para abdomens de 70 a 90 cm.
Médio: para abdomens de 90 a 110 cm.
Grande: para abdomens de 110 a 130 cm.

== Cr\$ 598,00 ==

AS DESPESAS DE REMESSA E DE EMBALAGEM, SÃO POR NOSSA CONTA.
Você recebe de brinde, um sensacional disco compacto duplo no valor de Cr\$ 100,00 **INTEIRAMENTE GRÁTIS.**
Preencha agora o cupom abaixo e o remeta para o Distribuidor Exclusivo EMAGREX no Brasil.

P.L. MALA DIRETA LTDA.
Cx. Postal, 856-20.000 - Rio de Janeiro - RJ
ou Rua: Visconde de Caravelas nº 63
Tel.: 226-3385 e 226-7940
Bairro: Botafogo CEP: 22271

Peça também por carta, indicando, para facilitar o atendimento, o nº e nome desta revista.
Quando o pacote chegar no correio, retire, pois ele não indica o conteúdo.

TERMO DE GARANTIA

Nós garantimos que você perderá 10 quilos em 30 dias, e acabará com a flacidez abdominal.

Peço enviar-me cintas EMAGREX no tamanho indicado
PEQUENA MÉDIA GRANDE
Nome _____
End _____
Cep _____ Cid _____ Est _____

TELECOM



o melhor cantor e a melhor cantora da juventude

Os leitores de SETIMO CÉU poderão participar do concurso que vai eleger o melhor cantor e a melhor cantora da juventude, bastando, para isso, que preencham os cupons que publicamos e nos enviem até o dia 30 de novembro, com o nome de seus favoritos. O Chacrinha dará os resultados aos sábados, a partir das 21 horas, em sua Discoteca pela Rede Bandeirantes de Televisão. Os cinco primeiros colocados receberão no mês de dezembro o Troféu Sétimo Céu. Os cupons deverão ser enviados à redação de SETIMO CÉU, contendo no envelope o nome da promoção, O Melhor Cantor e a Melhor Cantora da Juventude, à Rua do Russell, 804 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22.210.

O MELHOR CANTOR E A MELHOR CANTORA DA JUVENTUDE
"Discoteca do Chacrinha" - sábado, às 9 da noite, pela Rede Bandeirantes de TV.
Nome:
Endereço:
Cidade:
Estado: Idade:
Meus votos são para o cantor e a cantora
PROMOÇÃO DISCOTECA DO CHACRINHA E REVISTA SÉTIMO CÉU

Trique-triques do Chacrinha

Vai tomando nota

- Aérton Perlingeiro está agora, aos sábados, de 8 às 13 horas, com uma programação especial na Rede Capital de Comunicações.
- Por falar em Rede Capital de Comunicações, Nonato Pinheiro, diretor comercial daquela rádio, desmente categoricamente que ele não tem nada a ver com a ida do Flávio Cavalcanti para lá.
- Realmente seria uma boa se o prefeito do Rio mudasse, a exemplo do que fez com a Rua Montenegro passando a ser Vinicius de Moraes, o nome da rua onde o cantor Jorge Veiga morou. A rua se chama Honório, um nome que não diz nada. O Jorge Veiga merece esta homenagem.
- Silvio Brito e Nelson Gonçalves estão com elepês novos na praça. No seu elepê, Nelson Gonçalves canta doze músicas de Roberto e Erasmo Carlos, em ritmo de tango.
- Dia 14 de outubro, festa de aniversário do Velho Guerreiro na Buzina do Chacrinha. Vai ser um festão, meu irmão.
- Silvio Santos está montando dois modernos estúdios em São Cristóvão, para que a sua TVS possa transmitir a sua programação ao vivo. Parabéns, Silvio!
- Bom, muito bom mesmo, o LP do cantor Zé Ventura, lançado recentemente pela CID. Samba de breque e gafeira, uma seleção de primeira, no elepê do Zé Ventura que arrebentou o buraco da fechadura.
- Morena de Angola, sucesso em todo o Brasil na maravilhosa voz de Clara Nunes, é de autoria de Chico Buarque de Holanda. Morena de Angola tem uma letra muito profunda, que lembra muito um ponto de macumba.
- Almirante, se ainda não fez, deve estar fazendo um especial contando coisas da vida de Noel Rosa. Para falar de Noel, o Almirante é realmente a pessoa mais indicada.
- Zé Rodrix, por incrível que possa parecer, tem dois preços para os seus

FERNANDA MANDOU UM RECADO PARA O CHACRINHA

Fernanda, a cantora-revelação, que foi lançada pelo MPB-80, mandou para o Velho Guerreiro o seu compacto, onde estão incluídas as músicas Devassa (do festival) e Fato Consumado. Na contracapa do compacto, uma dedicatória de Fernanda muito simpática: "Chacrinha, não tenho palavras para agradecer essa tremenda força que você me dá. Mas tenho certeza de que pelo resto da minha vida levarei comigo a maior admiração pela maravilhosa figura humana que você é." Um beijo carinhoso, Fernanda.

shows. Quando vai com o conjunto é um preço e quando faz dublagem é outro. Certo ou errado, o Rodrix inventou este babado.

● Marlene, aquela garota do Planeta dos Homens, também está pretendendo dar uma de cantora. Vê se eu agüento?!?!? Minha Nossa Senhora, o telhado vai cair e não demora!!!

Olha o molho

- A Rádio Jornal do Brasil, apesar da modificação da sua programação, continua sendo uma das dez rádios menos ouvidas do Brasil. Quem anuncia em rádio de elite termina pegando uma tremenda gripe.
- Dirceu Soares, o mafioso do disco, do teatro e da televisão, está à procura de emprego em qualquer veículo de comunicação. O Dirceu é amargo, vive de mal com a vida, justamente porque ele quer uma coisa que não pode.
- A Discoteca do Chacrinha e a Buzina do Chacrinha estão sendo vistas na cidade de Campina Grande, pela TV Borborema.
- A primeira pessoa que levou o Chacrinha para escrever em revista foi o Anselmo Domingues, na extinta Revista do Rádio. Depois, o Moysés Weltman, na Radiolândia, em jornal

foi o Samuel Wayner. O Chacrinha foi o primeiro disc-jôquei do rádio a escrever em revistas e jornais. Depois a turma toda veio atrás.

● Como também foi o Chacrinha o primeiro disc-jôquei do rádio a ter programa na televisão. Isto começou em 1956, na extinta TV Tupi-Rio.

● Arlete Sales disse que não consegue ficar baseada porque o seu trabalho não deixa e ela anda muito atarefada.

● Chico Anísio vai voltar de cara limpa e com força total. Ele vai mostrar que é o tal, é o tal.

● Jorge Perlingeiro também está na Rede Capital de Comunicações, com o seu programa Samba de Primeira.

● A CBS está gastando uma nota violenta anunciando os seus discos na TV Globo. É isso aí. Se não anunciar, ninguém vai comprar.

● Lady Francisco está disposta a não aparecer mais nua. De agora em diante, Lady vai aparecer na tromba do elefante.

● Frase: Quem não se comunica, se trumbica...

O concurso "O Melhor Cantor e a Melhor Cantora da Juventude" está incrementando os leitores de SETIMO CÉU e telespectadores do Chacrinha. Por isso, a partir de agora, daremos resultados parciais em todas as nossas edições. Continuem votando em seus ídolos!

CANTORES

- 1.º - Fábio Júnior - 2.870
- 2.º - Gilliard - 2.781
- 3.º - Osvaldo Montenegro - 2.644
- 4.º - Sidney Magal - 2.543
- 5.º - José Augusto - 2.312

CANTORAS

- 1.º - Blanca - 2.742
- 2.º - Gretchen - 2.721
- 3.º - Amelinha - 2.590
- 4.º - Julia Graziela - 2.574
- 5.º - Lílian - 1.983